

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

MARIA CECÍLIA DE SOUZA LOBO

**MINHA PORTELA:**

Livro de memórias

RIO DE JANEIRO

2023

MARIA CECÍLIA DE SOUZA LOBO

**MINHA PORTELA:**

Livro de memórias

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro com o objetivo de se concluir a graduação em Comunicação Visual Design e obter o título de bacharel.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Irene de Mendonça Peixoto

RIO DE JANEIRO

2023

Maria Cecília de Souza Lobo

**Minha Portela:  
Livro de memórias**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
à Escola de Belas Artes da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro, como parte dos  
requisitos necessários à obtenção do grau de  
Bacharel em Comunicação Visual Design.

Aprovado em: 15 de dezembro de 2023

  
Irene de Mendonça Peixoto  
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente  
 FERNANDA DE ABREU CARDOSO  
Data: 29/12/2023 15:29:11-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Fernanda de Abreu Cardoso  
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Documento assinado digitalmente  
 NAIR DE PAULA SOARES  
Data: 29/12/2023 14:46:59-0300  
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

---

Nair de Paula Soares  
CVD/EBA/Universidade Federal do Rio de Janeiro

## CIP - Catalogação na Publicação

S799m Souza Lobo, Maria Cecília  
Minha Portela: Livro de memórias / Maria Cecília  
Souza Lobo. -- Rio de Janeiro, 2023.  
131 f.

Orientadora: Irene Mendonça Peixoto.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de  
Belas Artes, Bacharel em Comunicação Visual Design,  
2023.

1. Design editorial. 2. Carnaval. 3. História. 4.  
Universidade Federal do Rio de Janeiro. I. Mendonça  
Peixoto, Irene, orient. II. Título.

Dedico esse trabalho a todos aqueles que  
vieram antes de mim.

À Portela, aos sambistas e a todos os amantes  
do samba.

## Agradecimentos

Escrevo esse agradecimento faltando 11 dias para a apresentação dessa monografia. E como em todos os processos da minha graduação, o TCC não poderia ser diferente: A gente se atrasa, mas chega lá. Afinal, a pressa é inimiga da perfeição, não é?

Primeiramente, agradeço à Deus por ter me concedido tantas graças. Por ter me encaminhado até aqui, por me enviar tantas pessoas boas, por me proporcionar tantas coisas bacanas, mesmo que nem sempre eu mereça.

Depois, agradeço aos meus pais, Nilson e Potira. Obrigada por me apoiarem e se tornarem os maiores incentivadores da minha jornada. Agradeço por aceitarem minhas loucuras, por me introduzirem ao mundo do samba, por criarem um ambiente propício à minha educação e meu crescimento. Sem vocês, nada disso seria possível. À minha mãe, em especial, agradeço por demonstrar seu carinho em todos os atos de serviço que dedica a mim. Ao meu pai, por todas as ideias e conversas que me proporcionam crescimento intelectual e senso crítico. Amo vocês.

À minha irmã, Gabi, que é minha maior companheira. Obrigada por me acalmar, por estar presente, por me fazer rir, por topa qualquer coisa comigo. Obrigada pelas conversas da madrugada, pelas incontáveis fotos, por me ouvir falar incansavelmente de todos os meus dilemas, das minhas ansiedades e das minhas alegrias. A sorte grande fui eu que tirei, ao ter você como irmã.

Aos meus avós, Aurino, Francisca, Maria e Nilson, obrigada por me acolherem primeiramente em seus corações e mais tarde em suas casas, quando iniciei a faculdade. Desde que cheguei ao mundo, não houveram pessoas que me amam mais que vocês. Obrigada por terem tanto orgulho de mim.

Aos meus familiares, obrigada por estarem sempre comigo, por se preocuparem, por estarem sempre dispostos a me ajudar. Em especial, agradeço ao meu padrinho Gremilson, que em minha vida é muito mais que um padrinho de

batismo. Obrigada por todas as vezes que me buscou nas festas, me levou à rodoviária, pelos conselhos e pelos passeios. Você é demais, Dindo!

Às minhas amigas e fiéis escudeiras, Carla e Laira, obrigada por estarem sempre por perto. Obrigada pelas noites de filme com pipoca e brigadeiro, por me ouvirem falar sobre esse trabalho milhões e milhões de vezes, por não desistirem de mim mesmo após dias e dias sem resposta no WhatsApp. A amizade de vocês foi essencial para que eu pudesse passar por esse período com mais leveza.

Às minhas amigas de longe, Lelê, Lu, Gabi e Isa, obrigada por estarem comigo mesmo de longe. Além de amigas, foram as primeiras a acreditar no meu trabalho, foram minhas primeiras clientes. Sinto falta de vocês todos os dias.

Aos meus amigos da faculdade, Pedro, Ju, Nath e Fab, conhecê-los fez com que todo o processo valesse a pena. Sou muito feliz por passar todos os perrengues com vocês. Por todos os trabalhos que apresentamos, todas as festas que fomos, todas as risadas que compartilhamos no CAFAU/CAEBA. Tenho certeza de que trilharemos caminhos incríveis pelas veias do design. Somos pop demais para esse mundo!

Um agradecimento especial à toda comissão de design. Obrigada pela inserção no mundo acadêmico. Tenho certeza de que minha experiência na UFRJ foi feliz por ter vocês me apoiando desde que sou caloura.

Aos meus amigos do CEPTEL, obrigada por acreditarem sempre que eu poderia chegar longe.

Ao meu trabalho atual, na HarperCollins Brasil e por todos os amigos que fiz por lá, obrigada por me ensinarem tanto. Por serem tão compreensivos, por me fazerem apaixonar cada vez mais pelo design editorial e pelo mundo da leitura. Obrigada por todo o carinho, palavras de incentivo e por acreditarem tanto no meu trabalho.

Agradeço à UFRJ e todo corpo docente de Design. Obrigada pela formação, e conhecimento adquiridos ao longo desses 10 períodos. Sempre irei defender o

ensino público e as instituições federais, pois sem elas não teria a oportunidade de aprender com os profissionais mais referenciados da área. Obrigada à Raquel Pontes, Mariana Sirito, Carolina Noury, Clorisval Pereira, Nair de Paula Soares, Fernanda Abreu, Luciano Laner e Fabiana Heinrich por marcarem de forma especial minha trajetória acadêmica.

À minha orientadora, Irene de Mendonça Peixoto, muito obrigada por abraçar meu projeto. Eu admiro muito sua trajetória e tudo que representa no mundo do design. Lá no 2º período, através de você descobri o design editorial, e hoje, tenho o prazer de fechar esse ciclo, produzindo um livro do zero com a mesma pessoa. Agradeço pelas aulas e mais tarde por orientar essa monografia. Obrigada pelo incentivo, pelo tempo, por abrir meus horizontes, pelos conselhos e por me ajudar a me tornar uma designer melhor.

O meu azul veio lá do infinito

O meu canto é mais bonito  
Salve Oswaldo Cruz e Madureira  
Me chamam celeiro de bamba  
A majestade do samba  
Da velha guarda formosa e faceira  
Eu sou e sei que sou  
Mais fascinante, deslumbrante, mais amor  
Bem sei que você aprova  
Pois meu visual comprova  
Eu sou luxo e esplendor

(Tributo à Vaidade, Portela, 1991).

## **Resumo**

Ainda hoje, existe uma carência de documentações e materiais que relatam a importância cultural material e imaterial que as escolas de samba carregam. Infelizmente, muitas histórias se perdem no tempo e desaparecem com a morte de integrantes, por isso, é essencial que sejam registradas, conservadas e defendidas. A minha proposta de tema consiste em remontar a história de uma das escolas de samba mais famosas do Rio de Janeiro: Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela ou somente Portela. No ano de 2023, a agremiação completa 100 anos, e seria interessante reconstruir o caminho percorrido por ela, escolhendo como ponto de partida os enredos mais memoráveis até o centenário. A preservação da memória e os relatos da comunidade serão o fio condutor dessa reconstituição e o elemento que delinea toda a parte prática de minha pesquisa. Então, a partir disso, foi criado o projeto gráfico de um livro, com fotos, enredos, memórias e narrativas que possam mostrar a trajetória da escola e a influência dela no carnaval do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** design editorial, carnaval, Portela, memória cultural.

## **Abstract**

Even today there's a lack of papers and official documents where the importance of material and immaterial culture of samba schools are registered. Sadly, a lot its history ends up lost in time when members of the said samba schools passed away, therefore, it's essential that the history and memory of these members and their cultural impact are recorded, preserved and defended through time. In this paper, we aim to retrace the history of one of the most known samba schools of Rio de Janeiro: Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela or simply Portela. In 2023, the association reached the mark of one hundred years since its founding, and it's both essential and interesting to retrace the path made by the school throughout those years. The preservation of memory and the narrative constructed by the community surrounding the school are the main conductors of this restoration and the element that outlines the entire practical work of this research. With an approach that aims to highlight the importance of the Brazilian Carnival, rescue samba-plots and stories about the carioca samba, the present work intend to create a graphic design for a book, including photos, samba-plots, memories and narratives that can illustrate the schools' trajectories and the influence they have on the Rio de Janeiro Carnival.

**Keywords:** editorial design, carnival, Portela, cultural memory.

## Lista de Figuras

|   |    |
|---|----|
| Figura 1: Tia Ciata, S/D  |    |
| Foto: Acervo Casa da Tia Ciata.....   | 24 |
| Figura 2: Rancho carnavalesco “Unidos do Morro do Pinto”, S/D.                          |    |
| Foto: Arquivo Nacional. Fundo Correio da Manhã.....                                     | 25 |
| Figura 3: Paulo da Portela, Heitor dos Prazeres, Gilberto Alves, Bide e Marçal, S/D     |    |
| Foto: Acervo da Família de Marçal, 1920.....  | 27 |
| Figura 4: Entrevista concedida por Zé Espinguela para o jornal “A Nação”, 1935          |    |
| Foto: Acervo Centro Cultural Portela.....   | 28 |
| Figura 5: Pôsteres de divulgação do enredo de 2018                                      |    |
| Foto: Facebook.....   | 33 |
| Figura 6: Desfile Mangueira, 2018   |    |
| Foto: Juliana Dias   SRzd.....  | 33 |
| Figura 7: Acidente fatal envolvendo o último carro da Tuiuti em 2017, 2017              |    |
| Foto: GloboNews.....  | 34 |
| Figura 8: Comissão de Frente da Paraíso do Tuiuti, 2018                                 |    |
| Foto: Leandro Milton   SRzd.....  | 35 |
| Figura 9: Desfile do Conjunto Carnavalesco Oswaldo Cruz, S/D                            |    |
| Foto: Acervo Cultural Portela.....  | 40 |
| Figura 10: Paulo da Portela na roda de samba, década de 30, S/D                         |    |
| Foto: Acervo Portelense.....  | 43 |
| Figura 11: Bandeira da Portela, (S/D)   |    |
| Foto: Site Rádio Arquibancada.....  | 44 |
| Figura 12: Primeira alegoria de uma escola de samba, 1935                               |    |
| Foto: Site Acervo Portelense.....   | 45 |
| Figura 13: Paulo da Portela, Cidadão-samba, S/D   |    |
| Fonte: Site Raiz do Samba em Foco.....  | 46 |
| Figura 14: Portela Campeã, 1947   |    |
| Foto: Acervo Portelense.....  | 47 |
| Figura 15: Visita de Walt Disney à quadra da Portela, 1941                              |    |
| Foto: Acervo Portelense.....  | 49 |
| Figura 16: A ilustre porta-bandeira Dodô e o mestre sala Manuel Bam-Bam-Bam, 1959       |    |
| Foto: Acervo Portelense.....  | 51 |
| Figura 17: A tradicional porta bandeira Vilma Nascimento e o mestre-sala Ary da Liteira |    |
| Foto: Acervo Portelense.....  | 51 |

|  |    |
|--|----|
| Figura 18: Natal da Portela, 1972  |    |
| Foto: Acervo Portelense.....   | 52 |
| Figura 19: Manchete de Jornal anuncia a conquista do tricampeonato de 50, 1959                   |    |
| Foto: Acervo Portelense.....   | 53 |
| Figura 20: Manchete de jornal anuncia a visita da Duquesa de Kent, 1959                          |    |
| Foto: Acervo Portelense.....   | 53 |
| Figura 21: Paulinho da viola, quadra da Portela, 1966  |    |
| Foto: Acervo Portelense.....   | 54 |
| Figura 22: Manchete de jornal anuncia o campeonato de 1970, 1970                                 |    |
| Foto: Acervo Portelense.....   | 55 |
| Figura 23: Vilma, Benício e Natal na inauguração do Portelão, 1972                               |    |
| Foto: Acervo Portelense.....   | 55 |
| Figura 24: O circo, carro do desfile “Hoje tem Marmelada”, 1980                                  |    |
| Foto: Acervo Portelense.....   | 56 |
| Figura 25: Clara Nunes e seu Natal na Portelinha, 1972   |    |
| Foto: Acervo Portelense.....   | 57 |
| Figura 26: Manchete de jornal anuncia o enredo “Contos de Areia”, 1984                           |    |
| Foto: Acervo Portelense.....   | 58 |
| Figura 27: Desfile “Gosto que me Enrosco”, 1995  |    |
| Foto: Arquivo O Globo   Cezar Loureiro.....  | 59 |
| Figura 28: Águia da Portela no desfile de 2009, 2009   |    |
| Foto: Fábio Motta   AE.....  | 61 |
| Figura 29: Águia da Portela no desfile das campeãs de 2014, 3º colocado na disputa, 2014         |    |
| Foto: Marcelo Regua   Riotur.....  | 62 |
| Figura 30: A tradicional águia e o abre-alas luxuoso do desfile de 2017, 2017                    |    |
| Foto: Pilar Olivares   El País.....  | 63 |
| Figura 31: Quadra da Portela após a apuração dos desfiles, 2017                                  |    |
| Foto: Marcos Arcoverde   Estadão.....  | 63 |
| Figura 32: Carro de Pernambuco no desfile de 2018, 2018  |    |
| Foto: Juliana Dias   SRzd.....   | 64 |
| Figura 33: Marlon Lamar e Lucinha Nobre fantasiados de Águia e Clara Nunes respectivamente, 2019 |    |
| Foto: Gabriel Nascimento   Riotur.....   | 65 |
| Figura 34: Abre-alas do desfile de 2023, 2023  |    |
| Foto: Ismar Ingber   Riotur.....   | 66 |
| Figura 35: Mercadão de Madureira, um dos pontos de comércio mais conhecidos do bairro, 2015      |    |
| Foto: Diário do Rio.....   | 68 |

|   |    |
|---|----|
| Figura 36: Ensaio de rua do G.R.E.S. Portela realizado na Intendente Magalhães, Madureira, 2014 |    |
| Foto: J Ricardo   O Globo.....  | 69 |
| Figura 37: Print de tela da interface da pesquisa   |    |
| Foto: Aatoria pessoal.....  | 72 |
| Figura 37 (à esquerda): Maria Lata D'Água, passista da Portela, 1966                            |    |
| Foto: Paulo Namorado   Flickr.....  | 78 |
| Figura 38 (à direita): Vilma Nascimento no desfile de 1966                                      |    |
| Foto: Paulo Namorado   Flickr.....  | 78 |
| Figura 39 (à esquerda): Trio de passistas, 1966   |    |
| Foto: Acervo Portelense.....  | 79 |
| Figura 40 (à direita): Desfile de 1966, 1966  |    |
| Foto: Acervo Portelense.....  | 79 |
| Figura 41 (à esquerda): Carro com representação indígena, 1970                                  |    |
| Foto: Geraldo Violo   Wikimedia Commons.....  | 82 |
| Figura 42 (à direita): Passista da Portela, 1970  |    |
| Foto: Paulo Namorado   Flickr.....  | 82 |
| Figura 43 (à esquerda): Ala de ritmistas, 1970  |    |
| Foto: Paulo Namorado   Flickr.....  | 82 |
| Figura 44 (à direita): Baiana, 1970   |    |
| Foto: Paulo Namorado   Flickr.....  | 82 |
| Figura 45: (à esquerda): Carro da Cobra Grande, 2004  |    |
| Foto: Galeria do Samba.....   | 84 |
| Figura 46 (à direita): Carro da Vitória Régia, 2004   |    |
| Foto: Galeria do Samba.....   | 84 |
| Figura 47 (à esquerda): Carro da Índia que chorava, 2004  |    |
| Foto: Galeria do Samba.....   | 84 |
| Figura 48 (à direita): Abre-alas com a águia dourada, simbolizando a lenda do Eldorado          |    |
| Foto: Andre Telles   Wikimedia Commons.....   | 84 |
| Figura 49: Carro do Boto cor-de-rosa, 2004  |    |
| Foto: Alexandre Loureiro   Wikimedia Commons.....   | 85 |
| Figura 53 (à esquerda): Comissão de Frente com a Velha Guarda, 1984                             |    |
| Foto: Acervo Portelense.....  | 89 |
| Figura 54 (à direita): Alas do desfile de 1984, 1984  |    |
| Foto: Armando Borges   Flickr.....  | 89 |

|  |    |
|--|----|
| Figura 55 (à esquerda): Mestre Sala e Porta-Bandeira, 1984                                     |    |
| Foto: Acervo Portelense.....   | 89 |
| Figura 56 (à direita): Águia que abriu o desfile de 1984, 1984                                 |    |
| Foto: Armando Borges   Flickr.....   | 89 |
| Figura 57 (à esquerda): Carro alegórico de Orixás, 1984  |    |
| Foto: Acervo Portelense.....   | 90 |
| Figura 58 (à direita): Tripé do desfile de 1884, 1984  |    |
| Foto: Armando Borges   Flickr.....   | 90 |
| Figura 92 (à esquerda): Carro alegórico com escultura da “Águia redentora,2015                 |    |
| Foto: Nate Clicks   Wikimedia Commons.....   | 94 |
| Figura 93 (à direita): Ala das Baianas, 2015   |    |
| Foto: Marcelo Mello   Wikimedia Commons.....   | 94 |
| Figura 94 (à esquerda): Drone da águia, 2015   |    |
| Foto: Tânia Rêgo   Agência Brasil.....   | 94 |
| Figura 95 (à direita): Detalhe de carro alegórico, 2015  |    |
| Foto: Tânia Rêgo   Agência Brasil.....   | 94 |
| Figura 96(à esquerda): Desfilante, 2015  |    |
| Foto: Tânia Rêgo   Agência Brasil.....   | 94 |
| Figura 97 (à direita): Paraquedista aterrissa na Sapucaí para abrir o desfile da Portela, 2015 |    |
| Foto: Gabriel Santos   Riotur.....   | 94 |
| Figura 98 (à esquerda): Detalhe de carro alegórico, 2015                                       |    |
| Foto: Marco Antônio Cavalcanti   Riotur.....   | 95 |
| Figura 99 (à direita): Comissão de frente, 2015  |    |
| Foto: Gabriel Santos   Riotur.....   | 95 |
| Figura 100 (à esquerda): Extensão da escola na Sapucaí, 2015                                   |    |
| Foto: Marco Antonio Cavalcante   Riotur.....   | 95 |
| Figura 101 (à direita): Extensão da escola na Sapucaí, 2015                                    |    |
| Foto: Marco Antonio Cavalcante   Riotur.....   | 95 |
| Figura 102 (à esquerda): Ala do desfile de 2017, 2017  |    |
| Foto: Fernando Grilli   Riotur.....  | 98 |
| Figura 103 (à direita): Componente de ala, 2017  |    |
| Foto: Fernando Frazão   Agência Brasil.....  | 98 |
| Figura 104 (à esquerda): Carro alegórico, 2017   |    |
| Foto: Fernando Frazão   Agência Brasil.....  | 98 |
| Figura 105 (à direita): Componente de ala, 2017  |    |
| Foto: Fernando Frazão   Agência Brasil.....  | 98 |
| Figura 106 (à esquerda): Detalhamento de ala, 2017   |    |

|  |     |
|--|-----|
| Foto: Fernando Frazão   Agência Brasil.....                            | 98  |
| Figura 107 (à direita): Componente de tripé, 2017                      |     |
| Foto: Terry George   Wikimedia Commons.....                            | 98  |
| Figura 108 (à esquerda): Rainha de bateria, Bianca Monteiro, 2017      |     |
| Foto: Terry George   Wikimedia Commons.....                            | 99  |
| Figura 109 (à direita): Comissão de frente, 2017                       |     |
| Foto: Terry George   Wikimedia Commons.....                            | 99  |
| Figura 110 (à esquerda): Carro alegórico, 2017                         |     |
| Foto: Terry George   Wikimedia Commons.....                            | 99  |
| Figura 111 (à direita): Componente de carro alegórico, 2017            |     |
| Foto: Gabriel Monteiro   Riotur.....                                   | 99  |
| Figura 112 (à esquerda): Detalhe de carro, 2017                        |     |
| Foto: Gabriel Monteiro   Riotur.....                                   | 100 |
| Figura 113 (à direita): Componente de carro alegórico, 2017            |     |
| Foto: Fernando Grilli   Riotur.....                                    | 100 |
| Figura 114 (à esquerda): Mestre-sala e Porta-Bandeira, 2017            |     |
| Foto: Fernando Grilli   Riotur.....                                    | 100 |
| Figura 115 (à direita): Visão geral da escola, 2017                    |     |
| Foto: Fernando Grilli   Riotur.....                                    | 100 |
| Figura 116: Comemoração do título em Madureira, 2017                   |     |
| Foto: Fernando Frazão   Agência Brasil.....                            | 100 |
| Figura 117 (à esquerda): Detalhe de ala, 2019                          |     |
| Foto: Gabriel Nascimento   Riotur.....                                 | 104 |
| Figura 118 (à direita): Mestre-Sala e Porta-Bandeira, 2019             |     |
| Foto: Gabriel Nascimento   Riotur.....                                 | 104 |
| Figura 119 (à esquerda): Comissão de Frente, 2019                      |     |
| Foto: Gabriel Nascimento   Riotur.....                                 | 104 |
| Figura 120 (à direita): Comissão de Frente, 2019                       |     |
| Foto: Gabriel Nascimento   Riotur.....                                 | 104 |
| Figura 121 (à esquerda): Ala de ritmistas, 2019                        |     |
| Foto: Gabriel Nascimento   Riotur.....                                 | 105 |
| Figura 122 (à direita): Mestre-Sala e Porta-Bandeira e Guardiões, 2019 |     |
| Foto: Fernando Grilli   Riotur.....                                    | 105 |
| Figura 123 (à esquerda): Ala das Baianas, 2019                         |     |
| Foto: Fernando Grilli   Riotur.....                                    | 105 |
| Figura 124 (à direita): Extensão do desfile, 2019                      |     |
| Foto: Fernando Grilli   Riotur.....                                    | 105 |
| Figura 125 (à esquerda): Homenagem à Clara Nunes, 2019                 |     |
| Foto: Dhavid Normando   Riotur.....                                    | 105 |

|   |     |
|---|-----|
| Figura 126 (à direita): Tripé e componentes, 2019                               |     |
| Foto: Dhavid Normando   Riotur.....   | 105 |
| Figura 127: Tripé da comissão de frente, 2019                                   |     |
| Foto: Gabriel Nascimento   Riotur.....  | 106 |
| Figura 128: Comissão de frente, 2023  |     |
| Foto: Alex Ferro   Riotur.....  | 110 |
| Figura 129 (à esquerda): Velha guarda da Portela, 2023                          |     |
| Foto: Tata Barreto   Riotur.....  | 110 |
| Figura 130 (à direita): Mestre-Sala e Porta-Bandeira, 2023                      |     |
| Foto: Alex Ferro   Riotur.....  | 110 |
| Figura 131 (à esquerda): Velha guarda da Portela, 2023                          |     |
| Foto: Alex Ferro   Riotur.....  | 110 |
| Figura 132 (à direita): Ala da escola, 2023                                     |     |
| Foto: Alex Ferro   Riotur.....  | 110 |
| Figura 133 (à esquerda) Ala coreografada, 2023                                  |     |
| Foto: Tata Barreto   Riotur.....  | 111 |
| Figura 134 (à direita): Abertura de alas e alas, 2023                           |     |
| Foto: Ismar Ingber   Riotur.....  | 111 |
| Figura 135 (à esquerda): Ala de Baianas, 2023                                   |     |
| Foto: Ismar Ingber   Riotur.....  | 111 |
| Figura 136 (à direita): Extensão do desfile, 2023                               |     |
| Foto: Ismar Ingber   Riotur.....  | 111 |
| Figura 137 (à esquerda): Ala de ritmistas, 2023                                 |     |
| Foto: Ismar Ingber   Riotur.....  | 111 |
| Figura 138 (à direita): Carro alegórico, 2023                                   |     |
| Foto: Ismar Ingber   Riotur.....  | 111 |
| Figura 139: Mapa mental sobre produtividade, 2023                               |     |
| Foto: Blog do Stoodi.....   | 113 |
| Figura 140: Mapa mental sobre a Portela,2023                                    |     |
| Foto: Autoria Própria.....  | 114 |
| Figura 141: Imagem de Seu Natal utilizada no livro                              |     |
| Foto: Acervo Portelense.....  | 116 |
| Figura 142: Imagem de Paula da Portela utilizada no livro                       |     |
| Foto: Acervo Portelense.....  | 116 |
| Figura 143: Imagem do desfile Lendas e Mistérios da Amazônia utilizada no livro |     |
| Foto: Geraldo Violo   Wikimedia Commons.....                                    | 117 |
| Figura 144: Imagem do desfile de 2017 utilizada no livro                        |     |
| Foto: Tata Barreto   Riotur.....  | 117 |

|  |     |
|--|-----|
| Figura 145: Grid   |     |
| Foto: Autoria Própria.....   | 118 |
| Figura 146: Página do livro  |     |
| Foto: Autoria Própria.....   | 119 |
| Figura 147: Página do livro  |     |
| Foto: Autoria Própria.....   | 119 |
| Figura 148: Página do livro  |     |
| Foto: Autoria Própria.....   | 120 |
| Figura 149: Página do livro  |     |
| Foto: Autoria Própria.....   | 120 |
| Figura 150: Amostra do “Azul Portela” retirado da logo comemorativa de 100 anos da Portela |     |
| Foto: Autoria Própria.....   | 121 |
| Figura 151: Página do livro  |     |
| Foto: Autoria Própria.....   | 122 |
| Figura 152: Página do livro  |     |
| Foto: Autoria Própria.....   | 122 |
| Figura 153: Página do livro  |     |
| Foto: Autoria Própria.....   | 123 |
| Figura 154: Página do livro  |     |
| Foto: Autoria Própria.....   | 123 |
| Figura 155: Amostra da fonte utilizada   |     |
| Foto: Autoria Própria.....   | 124 |
| Figura 156: Amostra da tipografia pessoal  |     |
| Foto: Autoria Própria.....   | 125 |
| Figura 157: Página do livro  |     |
| Foto: Autoria Própria.....   | 125 |

## **Sumário**

|  |     |
|--|-----|
| Sumário.....   | 17  |
| Introdução.....  | 19  |
| 1. Samba é resistência.....  | 23  |
| 1.1 Breve história das escolas de samba e dos desfiles de carnaval.....    | 23  |
| 1.2 O papel da memória no carnaval.....                                    | 30  |
| 1.2.1 A memória coletiva de Halbwachs.....                                 | 30  |
| 1.2.2 Evocação da lembrança nos enredos.....                               | 31  |
| 2. O nascimento da Águia.....  | 37  |
| 2.1 História da Portela.....   | 38  |
| 2.1.1 O surgimento.....  | 38  |
| 2.1.2 A Portela Vanguardista.....  | 44  |
| 2.1.3 O apogeu da Águia.....   | 46  |
| 2.1.4 A época dos inesquecíveis.....                                       | 54  |
| 2.1.5 Tempos de incertezas.....  | 59  |
| 2.2 Madureira, reduto do samba.....  | 66  |
| 3. Os melhores sambas-enredos de todos os tempos.....                      | 72  |
| 3.1 Pesquisa e resultados da pesquisa.....                                 | 72  |
| 3.2 Importância e por que das escolhas.....                                | 74  |
| 3.2.1 Teste ao Samba.....  | 74  |
| 3.2.2 Memórias de um Sargento Milícias.....                                | 76  |
| 3.2.3 Lendas e Mistérios da Amazônia.....                                  | 79  |
| 3.2.3.1 Lendas e Mistérios da Amazônia, 1970.....                          | 79  |
| 3.2.3.2 Lendas e Mistérios da Amazônia, 2004.....                          | 82  |
| 3.2.4 Contos de Areia.....   | 85  |
| 3.2.5 ImaginaRio, 450 janeiros de uma cidade surreal.....                  | 90  |
| 3.2.6 Quem nunca sentiu o corpo arrepiar ao ver esse Rio passar.....       | 95  |
| 3.2.7 Na Madureira moderníssima, hei sempre de ouvir cantar uma Sabiá..... | 101 |
| 3.2.8 O azul que vem lá do infinito.....                                   | 106 |
| 4. Desenvolvimento do projeto gráfico.....                                 | 112 |
| 4.1 Brandbook.....   | 112 |
| 4.2 O Projeto.....   | 113 |
| 4.2.1 Naming.....  | 113 |

|                            |     |
|----------------------------|-----|
| 4.2.2 Conteúdo.....        | 115 |
| 4.2.3 Fotografias.....     | 115 |
| 4.2.4 Formato e Grid.....  | 117 |
| 4.2.5 Paleta de Cores..... | 120 |
| 4.2.6 Tipografia.....      | 123 |
| Conclusão.....             | 126 |
| APÊNDICE.....              | 127 |
| REFERÊNCIAS.....           | 128 |

## Introdução

Essa monografia, acima de tudo, é uma carta de amor.

Aberta, gritada, cantada, imparcial, calorosa e afetuosa. Uma serenata embaixo da sacada, um samba entoado na avenida, um céu azul de 22 estrelas, um afeto tão grande quanto o mar, o mar azul da Portela.

É difícil recordar quando essa atração entre mim e ela começou. Lembro de quando era criança, nos ensaios na quadra da escola, já amá-la ao cantar aos quatro ventos: Portela/ Eu nunca vi coisa mais bela/ Quando ela pisa a passarela/ E vai entrando na avenida [...], (Clara Nunes, 1981). No início dos anos 2000, meu celular antigo já tocava "Foi Um Rio Que Passou Em Minha Vida", (Paulinho da Viola, 1970) e me arrepiava inteira. No projeto mirim da escola, o Filhos da Águia, lembro da comoção que foi desfilarmos em 2009, vestida de bailarina com o enredo "Filhos da Águia é sonho, cor e fantasia! Leva Mônica e sua turma à França com alegria".

Desde então, ao longo desses 23 anos de existência, esse amor é lembrado e acumulado dentro de mim. Transformado e expressado em todas as lágrimas de emoção que deixei cair na Marquês de Sapucaí, em todas as disputas de samba de pude acompanhar, em diversos ensaios de rua que vi passar e em todos os sambas-enredos que cantei em casa, no trabalho, na escola e no trem. Por diversas vezes, foi esperar o carnaval que me trouxe alegria em anos que pareciam infinitos. Foram os enredos que me trouxeram conhecimento de tudo aquilo que não aprendi na escola formal, apenas na escola do samba.

O samba, mais do que morada, é uma instituição que vai muito além da dimensão física, da quadra e dos ritmos. Foi sacralizado de tal maneira que pede-se respeito para passar. É o encontro do divino com o profano, traduzido nas notas do agogô, no cantar do intérprete, na reza dos componentes, e no manto sagrado: o pavilhão da porta-bandeira.

Assim como eu, todos os membros da comunidade Portelense carregam dentro de si esse sentimento devotado e imaculado com relação à escola. Centenas de milhares de pessoas que vivem, choram, gritam e torcem pela agremiação; criam vínculos e memórias, histórias que são passadas de geração em geração, de enredo em enredo, mas que infelizmente são esquecidas, na medida em que a vida passa e as pessoas passam com ela.

O número de torcedores também se multiplica. [...]. E se perguntar para eles por que torcem para uma agremiação que, em alguns casos, nunca viram ser campeã, novamente vem a mítica: o mistério da Portela. O mesmo que faz o grande compositor Monarco traduzir em versos e melodias seu amor pela Portela. Ou que faz a grande dama do samba, Tia Dodô, eterna porta-bandeira da azul e branca, aos 93 anos, atravessar a cidade, do Morro da Providência, onde mora, até as ruas de Madureira para ensaiar. Para ela, esse um ritual repetido todas as semanas. Que ela mesma define:  
— Portela é religião, meu filho! (Portela: uma religião trajada de azul e branco, 2013)

Durante a minha graduação, fiquei muito tempo pensando no meu projeto final, em como gostaria de realizar algo relevante, que combinasse comigo e produzisse um impacto positivo ao meu redor. Então, esse ano, ao acompanhar o centenário da Portela, cheguei à conclusão de que esse tema era o que eu estava procurando desde o início. Em 100 anos de existência, não consigo nem mensurar quantas lembranças foram guardadas e quantas foram esquecidas, muito menos a importância de todas elas para a construção do imaginário carinhoso que a comunidade guarda pelo G.R.E.S. (Grêmio Recreativo Escola de Samba).

O objetivo do meu projeto de conclusão é o resgate da memória afetiva dos Portelenses, devidamente registrados para que não se percam mais no tempo. São as lembranças mais especiais da comunidade. Por isso, meu objetivo específico é montar um *brandbook* que eternize essas recordações através de enredos, fotos e depoimentos coletados por mim.

No livro *Design Thinking*, Ellen Lupton (2012) caracteriza o *brandbook* como “uma nova maneira de visualizar a personalidade e a história de vida de um produto,

empresa ou organização”. Sendo assim, seguindo o que a autora propõe, criei um livro a partir do estudo dos enredos e da história da Portela. Com esse projeto, pretendo convidar o leitor a sentir e imaginar a agremiação de outra ótica, acrescentando formas, texturas, fotografias e narrativas que possam transmitir o sentimento e exalar o estilo de vida Portelense.

Os quesitos analisados para a escolha de cada enredo partiram de alguns pressupostos: Títulos, celebração dos sambas, desfiles inesquecíveis e o mais importante de todos, peço licença para dizer: gosto pessoal. Cada portelense possui sua lista de preferidos e, como autora desta monografia, reivindico minha liberdade poética para inserir os meus.

Quem tenta acorrentar um sentimento  
Esquece que ser livre é fundamento  
Matiz suburbano, herança de preto  
Coragem no medo

Meu povo é resistência feito um nó  
Na madeira do cajado de Oxalá  
Força africana, vem nos orgulhar

(Portela, 2022)

## **1. Samba é resistência**

### **1.1 Breve história das escolas de samba e dos desfiles de carnaval.**

O samba, como o mundo conhece hoje, no século XXI, é decorrente de uma história marcada por muitas lutas culturais, políticas e reivindicações: de direitos, de reconhecimento e de liberdade de expressão. Historicamente, é um movimento lembrado pela resistência de povos marginalizados e, sendo assim, grande objeto de estudo pela mídia e estudiosos.

Não é possível abordar a história da Portela sem falar do histórico das escolas de samba e do movimento sambista carioca. Por isso, escrevo aqui um breve resumo desses fatos. E, para isso, utilizo-me dos livros: *Samba de enredo: História e arte* (MUSSA; SIMAS, 2023); *Breve História do Samba Carioca* (FARIAS, 2023); e *Pra tudo começar na quinta-feira* (FABATO; SIMAS, 2015) para legitimar a construção dessa narrativa.

[...] o samba do Rio de Janeiro constitui — seja do ponto de vista musical, seja do poético — uma das mais importantes criações. Entre as espécies de samba, o samba de enredo é certamente a mais impressionante. Porque não é lírica — no que contraria uma tendência universal da música popular urbana. E porque integra o maior complexo de exposições artísticas simultâneas do mundo moderno: o desfile das escolas de samba (Mussa; Simas, 2023).

No livro *Samba de enredo: História e arte* (2023), os autores Alberto Mussa e Luiz Antônio Simas, relatam a dificuldade em encontrar registros escritos verossímeis sobre a história do samba, visto que registros fonográficos datam apenas no final da década de 60. Mesmo após o surgimento dessa tecnologia, ainda há uma escassez de dados que possam esclarecer e legitimar as gravações mais antigas. Sendo assim, é inevitável que a imersão no universo do samba seja pautada, pelo menos no início, de registros informais, tradições e transmissões orais do conhecimento do samba. A deficiência dessas informações apenas reforça o quão

valiosas são as lembranças dos membros mais antigos e das histórias de família para a reconstrução histórica do samba.

A palavra “samba” era uma palavra utilizada para descrever os ritmos derivados de batuques africanos, criados por escravizados e ex-escravizados e disseminados no Rio de Janeiro nos fins do século XIX e início do século XX. Em *Breve História do Samba Carioca* (2023), Mauro Sergio Farias relata que na zona portuária da cidade, conhecida como Pequena África, era situada a casa de Tia Ciata, baiana e mãe de santo, grande expoente do ritmo carioca. Foi em seu terreiro que as primeiras reuniões de sambistas aconteceram e famosas composições foram escritas, tornando-a uma liderança respeitada no meio.



*Figura 1: Tia Ciata, S/D  
Foto: Acervo Casa da Tia Ciata*

A década de 20 foi emblemática para a disseminação do ritmo por inúmeros fatores. Em uma tentativa de modernização da cidade e assimilação às grandes metrópoles europeias, o prefeito Pereira Passos, realiza um movimento de reforma da cidade. Conhecido como “bota-abaixo”, a reestruturação demoliu cortiços, habitações e expulsou as comunidades negras da região central carioca. A população exilada se abrigou em bairros periféricos e morros, formando as favelas e subúrbios do Rio de Janeiro e levando consigo suas manifestações culturais. Essa

época foi marcada por embates populares envolvendo o Estado e a comunidade marginalizada, que buscavam sedimentar a aceitação social. As governanças, por sua vez, queriam controlar as manifestações culturais. Então, a partir desse cenário nascem as escolas de samba.

Um dos muitos legados cruéis que nossa sociedade herdou de séculos de escravismo foi a perseguição às mais variadas manifestações culturais afro-brasileiras. Durante toda nossa história, manifestações como a capoeira, as religiões de matriz africana e, posteriormente, o samba, foram duramente perseguidas, chegando a ser proibidas por lei e alvo de ostensiva reprovação social (Mussa; Simas, 2023).

Antes do surgimento dos grêmios recreativos, o carnaval era dominado pelos desfiles das Grandes Sociedades, ranchos e blocos desordenados, sendo o penúltimo a maior inspiração para as organizações posteriores de samba. De acordo com a narrativa de Alberto e Luiz, os ranchos vieram para o Rio de Janeiro através das comunidades nordestinas da cidade, que se instalaram próximas ao Morro da Conceição. Com a crescente popularidade dos desfiles, houve uma movimentação do Distrito Federal para que as datas de apresentação fossem transferidas para o carnaval, o que aumentou ainda mais a aceitação dessas organizações.



*Figura 2: Rancho carnavalesco “Unidos do Morro do Pinto”, S/D.  
Foto: Arquivo Nacional. Fundo Correio da Manhã*

A primeira competição entre ranchos aconteceu em 1911 e exigia o cumprimento de exigências para que fossem classificados no concurso. Eram elas: ter abre-alas, comissão de frente, alegorias, mestre-sala e porta-estandarte, mestres de canto, coro feminino, figurantes, corpo coral masculino e orquestra. Posteriormente, esses requisitos seriam aplicados também às competições de escolas de samba.

Porém, havia certo movimento de branqueamento na organização dos ranchos, que procurava de todo modo se desvencilhar dos blocos populares e das influências culturais afro-brasileiras, almejando aceitação formal na alta sociedade carioca. A resposta dos sambistas em relação à essa estrutura foi a criação das agremiações carnavalescas. Apesar de buscar referências nas configurações anteriores, as escolas de samba estabelecem como um dos objetivos a integração e a criação de ambientes de valorização dos sambistas de da cultura suburbana carioca, uma vez que o distanciamento entre as festividades e a população periférica aumentava a cada carnaval. A estrutura dessas agremiações era uma fusão entre os ranchos, blocos e cordões populares, distanciando-se apenas ao propor um maior refinamento e elaboração dos desfiles quando comparados ao primeiro e desvinculação da violência e desorganização que acontecia no segundo. Mais tarde, elas se tornaram importantes espaços de expressão artística, resistência cultural e afirmação da identidade negra, contribuindo para a construção de uma narrativa coletiva que representa a riqueza e a diversidade da cultura brasileira.

O termo “Escola” é utilizado num contexto de valorizar e conferir respeitabilidade à agremiação. As escolas inserem-se numa longa tradição de iniciativas de resistência da população afrodescendente contra o extermínio do corpo e o apagamento da memória e da cultura (Farias, 2023).

Como resposta à hostilidade do estado com os sambistas e à marginalização histórica sofrida pela população negra, era necessário que as escolas de samba se provassem instituições sérias e de valores alinhados à época. Por isso, Paulo da

Portela, uma das principais lideranças, era defensor fervoroso da postura e da organização dos sambistas. Ele enxergava que a expressão cultural do samba deveria ultrapassar o entretenimento e a festividade, se tornando instrumento de voz ativa e luta.

A expressão cunhada por ele “pés e pescoços ocupados” sugeria um estilo de vida e vestuário que desafiava o estigma imposto pela sociedade que acompanhava a classe. Paulo Benjamin de Oliveira tomava frente dos interesses carnavalescos e travava com as autoridades as licenças necessárias para que os desfiles fossem realizados da forma mais correta possível. Tudo isso era realizado a fim de legitimar a regulamentação das festividades e romper com estereótipos atribuídos à população negra, como a escravidão e a marginalidade. Inclusive, os desfiles seguiam rígidos padrões, com regulamentações para figurino, tempo, local e trilha sonora, buscando garantir a qualidade das apresentações.



*Figura 3: Paulo da Portela, Heitor dos Prazeres, Gilberto Alves, Bide e Marçal, S/D  
Foto: Acervo da Família de Marçal, 1920*

Em 20 de janeiro de 1929, aconteceu o primeiro concurso entre as escolas, organizado pelo pai de santo Zé Espinguela e apoiado pelo jornal Vanguarda. Concorreram os conjuntos carnavalescos: Oswaldo Cruz, Mangueira e Estácio de Sá. Cada grêmio inscreveu dois sambas e a avaliação do júri escolheu a melhor

composição. A vitória foi de Oswaldo Cruz, com o samba “A tristeza me persegue”, de Heitor dos Prazeres.

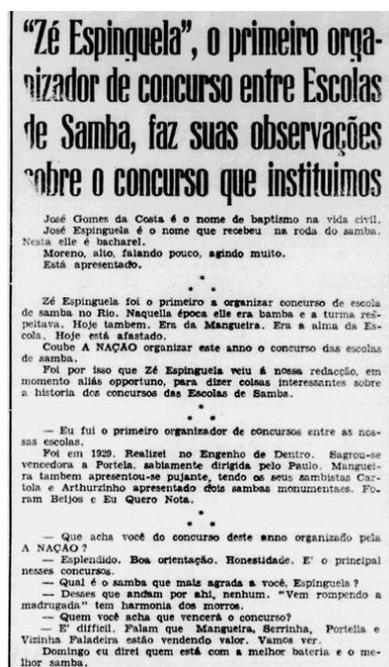


Figura 4: Entrevista concedida por Zé Espinguela para o jornal “A Nação”, 1935  
Foto: Acervo Centro Cultural Portela

Apesar do Pai de Santo ser o pioneiro dos concursos entre escolas, ainda assim foi muito distante do que mais tarde se consagraria como desfiles de escola de samba. Sendo assim, Mussa e Simas não o classificam como o primeiro concurso de desfiles, uma vez que estava mais próximo de uma disputa entre sambas do que uma disputa entre desfiles.

No ano de 1930, cinco organizações já se definiam como escola de samba: Estação Primeira de Mangueira, Oswaldo Cruz, Vizinha Faladeira, Para o Ano Sai Melhor e Cada Ano Sai Melhor. Dois anos depois, ocorreu o primeiro concurso que avaliou desfiles, em 1932, idealizado pelo jornalista Mário Filho e contou com a participação de 19 escolas que desfilaram na Praça Onze. Quatro delas foram premiadas: Mangueira, Vai como pode (antiga Oswaldo Cruz e posteriormente Portela), Para o Ano Sai Melhor e Unidos da Tijuca. Diferente das competições atuais, na época, as escolas não eram obrigadas a apresentar coerência entre o samba e o desfile. Muitas vezes, eram abordados temas nacionalistas, como

estratégia para o reconhecimento formal das agremiações e caminho mais acertado para agradar o Governo. Voltando a história dos concursos, somente em 1935 foram estabelecidos quesitos julgadores para as participantes. Nesse ano, foram julgados originalidade, harmonia, bateria e bandeira.

O ano de 1939, no entanto, marca o início da vinculação entre samba e enredo, deixando de lado os desfiles de estéticas variadas com sambas etéreos para ceder lugar à uma apresentação narrativa com início, meio e fim. Foi com o enredo “Teste ao Samba” que Paulo da Portela propôs um sistema que uniu o samba, o enredo e a estética. O sambista desenvolveu o tema, a composição e coordenou também a harmonia da escola. Narrando um ambiente estudantil, ele se apresentou na comissão de frente, vestido de professor e distribuiu aos jurados diplomas. No corpo da apresentação também haviam elementos cenográficos que lembravam uma sala de aula, como quadros negros e becas.

Teste ao samba é a primeira referência que existe a uma dramatização completa do cortejo das escolas de samba, do primeiro ao último componente, de acordo com o enredo proposto. Alguns estudiosos do carnaval consideram ainda que o samba que embalou a apresentação da escola é um dos primeiros sambas-enredo da história, já que a letra retrata fielmente o espetáculo visual apresentado pelo professor Paulo e seus alunos (Simas; Fabato, 2015).

A partir de então, começaria a se delinear o que hoje é conhecido como o maior espetáculo da Terra: Os desfiles de carnaval.

## 1.2 O papel da memória no carnaval

### 1.2.1 A memória coletiva de Halbwachs

Para a realização do meu trabalho de conclusão de curso, considero a noção de memória como um elemento de ligação entre a parte teórica de minha monografia e a parte prática de criação do *brandbook* sobre a Portela.

Durante o carnaval, quando uma agremiação começa a se preparar para o desfile, o enredo escolhido para ser apresentado na avenida é resultado da memória adquirida com o tempo e da pesquisa minuciosa conduzida pelos carnavalescos. Entre elas: a curadoria dos fatos, as conversas com a comunidade e as leituras de materiais relevantes. Essas coletas de dados são etapas importantes para a construção da narrativa que será compartilhada com os foliões. E nenhum desses processos poderiam ser concluídos se não houvessem registros históricos — orais ou escritos —, assim como culturas materiais ou imateriais, que são lembradas, esquecidas ou resgatadas a partir da conveniência ou relevância para o tema.

Ao procurar me inteirar melhor sobre o impacto da memória na sociedade, aproveito-me do artigo de Myrian dos Santos (2002), “O Pesadelo da Amnésia Coletiva: Um estudo sobre os conceitos de Memória, Tradição e Traços do Passado”, para defender meu ponto de vista. A autora discorre que diferentes sociólogos veem a sociedade contemporânea como formação de indivíduos desprovidos de emoções, vivências, relações afetuosas interpessoais e habilidades de discernimento. Além disso, argumentam que essas mesmas pessoas não possuem mais memória, pois suas experiências de vida foram substituídas por informações e as lembranças do passado são recuperação de dados. Ainda, ressalta que os suportes materiais da memória, que poderiam ser referenciais do passado, foram substituídos por objetos de consumo efêmeros.

O mundo da amnésia coletiva é o mundo onde a competitividade, racionalidade e informatização substituem sentimentos, práticas coletivas e vínculos interpessoais presentes em antigas comunidades. Homens e mulheres, portanto, desprovidos de conhecimento e experiências do passado, se tornam incapazes de sentir, julgar e defender seus direitos. Nestas condições, seja tradição, memória ou traços do passado, estes são aspectos, que, de uma maneira ou de outra, representam uma defesa decisiva da humanidade na sua luta por autodeterminação e liberdade (Santos, 2002).

Santos (2002), apresenta também o Sociólogo francês Maurice Halbwachs, que seguindo a sociologia Durkheimiana defendeu a construção da memória a partir de um viés social, apesar das lembranças e construções pessoais. Halbwachs no estudo *Les cadres sociaux de la mémoire* (1925) afirma que as lembranças do passado, por mais pessoais que pareçam ser, somente existem como parte de estruturas sociais.

Halbwachs mostrou como nós sempre necessitamos da memória de outras pessoas tanto para confirmar nossas próprias recordações, como para dar a elas legitimidade. Nossas lembranças só existem em relação às lembranças que existem em torno de nós. Se elas são coerentes e contínuas é porque os homens, que não são seres isolados, a constroem em relação direta ou indireta com outros homens (Santos, 2002).

A autora ressalta ainda os três últimos capítulos do estudo, no qual o sociólogo faz um estudo considerando os elos de solidariedade<sup>1</sup> que existem entre familiares, grupos religiosos ou elementos de uma mesma classe social e chega a conclusão de que as memórias coletivas não só representam a base de recordação do passado como também as próprias lembranças do indivíduo. Sendo assim, é possível deduzir: A partir da construção da memória coletiva e evocação dessas lembranças é que um desfile de carnaval começa e por elas que continua a viver no imaginário popular, mesmo depois de tantos anos que foi apresentado.

### **1.2.2 Evocação da lembrança nos enredos**

---

<sup>1</sup> Conceito elaborado pelo sociólogo Émile Durkheim a fim de compreender a organização da sociedade a partir da ideia de consciência coletiva e consciência social.

Em 2018, o G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira recorda-se da história de antigos carnavais para elaborar o enredo “Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco” (2018), assinado por Leandro Vieira. Nessa temática, o carnavalesco estabeleceu uma associação crítica entre as políticas restritivas<sup>2</sup> do prefeito da época, Marcelo Crivella, e as lutas para a perpetuação da festa popular nos anos 1900. O nome surgiu a partir da marchinha “Eu brinco” (1944), que foi escrita no período do Estado Novo<sup>3</sup> e expressa descontentamentos com a censura e com a crise econômica que ameaçava o carnaval da época. Na letra, a sátira política acontece na ideia de que o carnaval aconteceria mesmo que fosse de forma clandestina.

No céu a lua caminha  
Tão triste sozinha  
Pra não ser triste também  
com pandeiro ou sem pandeiro  
meu amor, eu brinco  
Com pandeiro ou sem pandeiro  
Eh eh eh eh eu brinco  
Com dinheiro ou sem dinheiro  
Eh eh eh eh eu brinco (Caetano; Cruz, 1944).

Assim como na marchinha, a Mangueira ressalta no desfile a importância do carnaval e a força política que carrega consigo. Além disso, protesta contra a prefeitura do Rio de Janeiro ao enfatizar que com dinheiro ou sem dinheiro o carnaval aconteceria e seria forte como sempre foi. Na avenida, revisitou os antigos carnavais, a resistência dos bambas e as reivindicações cariocas para que a festa popular fosse legitimada pelas autoridades.

---

<sup>2</sup> A gestão de Marcello Crivella no Rio de Janeiro foi marcada por negligências e cortes de verbas destinadas às escolas de samba, que na maioria das vezes precisam desse dinheiro para a execução do carnaval. Foi alegado pelo prefeito na época, que iniciativas privadas poderiam patrocinar o espetáculo, pois sua intenção era “retirar a dependência” da festa pela prefeitura e repassar o valor para a educação.

<sup>3</sup> O Estado Novo foi um período ditatorial brasileiro entre 1937-1945, governado por Getúlio Vargas.

Mesmo “com o bolso furado”, que “o sapato aperte” e que a “corda esteja no pescoço”, em qualquer esquina que junte gente irmanada, em qualquer batuque de mesa de bar, em qualquer palma de mão, em qualquer “laiá laiá”, em qualquer pé descalço que sambe no chão, vive o carnaval e a liberdade da minha gente. Em qualquer botequim, ao redor de qualquer mesa que reúna meia dúzia de bambas, na rima improvisada de um partideiro, no couro que faz vibrar tantãs e pandeiros, fundo a sede de uma Escola pra tanta gente que tem sede de sambar (Sinopse do enredo de 2017, Leandro Vieira).



Figura 5: Pôsteres de divulgação do enredo de 2018  
Foto: Facebook



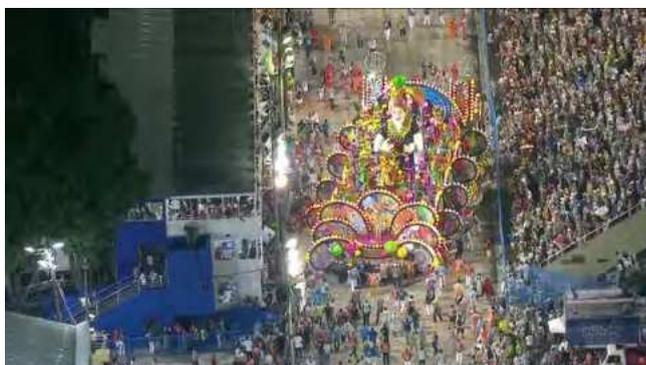
Figura 6: Desfile Mangueira, 2018  
Foto: Juliana Dias | SRzd

O resgate da marchinha de 1944, das tradições de carnavais de rua e dos precursores da festa popular pela Mangueira, ressaltam a importância da preservação e catalogação de memórias culturais para a sociedade. A partir desses

registros foi possível criar uma narrativa satírica que chamou a atenção para uma problemática que estava sendo vivenciada e deu voz ao carnaval.

Explorando o campo da memória afetiva, muitas vezes, agremiações são lembradas por desfiles icônicos, que nem sempre se destacam por terem conquistado o campeonato, mas porque despertam no público sensações, ideias ou manifestações incendiárias. Um exemplo emblemático é o caso dos desfiles de 2017 e 2018 da escola Paraíso do Tuiuti, que pode ser encaixado nesse conceito por alguns motivos.

Em 2016, o G.R.E.S. venceu a competição da Série Ouro (naquela época ainda batizada de Série A) e no outro ano, desfilou no grupo especial, depois de 15 anos afastada da Liga. Abrindo o carnaval de 2017 e estreando com o enredo “Carnavaleidoscópio Tropicáfágico”, o Tuiuti apresenta ao público um tema que celebrava os 50 anos da tropicália, assinado por Jack Vasconcelos. Foi um desfile bonito, mas houve inúmeros acidentes durante a passagem da escola pela Sapucaí, um deles inclusive, envolveu o último carro da agremiação e resultou em óbito. Por isso, a Paraíso do Tuiuti se classificou na 12ª posição para a competição de 2017. Contudo, apesar dos pesares, escapou do rebaixamento graças a algumas manobras políticas junto a Unidos da Tijuca — que também sofreu com acidentes e problemas estruturais no mesmo ano.



*Figura 7: Acidente fatal envolvendo o último carro da Tuiuti em 2017, 2017  
Foto: GloboNews*

Ao chegar em 2018, a escola tentou se reerguer e garantir sua permanência por mais um ano no grupo especial. Para esse carnaval, apresentou o enredo "Meu Deus! Meu Deus! Está extinta a escravidão?", também assinado por Jack Vasconcelos em seu quinto ano na escola. O tema fazia uma crítica aos 130 anos da Lei Áurea e entregou momentos emocionantes no sambódromo. Além da energia dos foliões e da esperança de um recomeço que pudesse suprir os erros do último desfile, as alegorias e alas estavam muito bem executadas. Foi a surpresa da noite. Apesar de todo preciosismo que a escola apresentou com os elementos, o destaque foi a comissão de frente, que representava "O grito da liberdade". Em outras alas, criticava as reformas trabalhistas propostas pelo então Presidente da República, Michel Temer, e os protestos de impeachment de Dilma Rousseff. Neste ano, conquistou o 2º lugar na competição, perdendo para a Beija-Flor de Nilópolis, e consagrando o melhor resultado de sua história.



*Figura 8: Comissão de Frente da Paraíso do Tuiuti, 2018  
Foto: Leandro Milton | SRzd*

Pela trajetória de superação e por mérito próprio, a apresentação de 2018 da escola é aclamada até hoje e provavelmente será reconhecida como uma das melhores da década e quem sabe, da história da antologia carioca.

Por isso, ousa dizer que não existe carnaval, nem enredos e muito menos desfiles se a memória e a cultura não forem preservadas, cuidadas e protegidas. É a

partir desses registros que a festa popular existe e se perpetua; E é por eles que se expressa e abre caminhos para o conhecimento de fatos sociais que por vezes são esquecidos ou abafados em prol de interesses que possam desfavorecer a população marginalizada.

Estes novos estudos sobre memória vão enfatizar que não existem memórias individuais ou sociais, mas atos de lembrar e esquecer, que devem ser considerados práticas ou ações humanas constituídas socialmente (Santos, 2002).

Portela, meu orgulho suburbano

Traz os poetas soberanos nesse trem para cantar

Que Madureira é muito mais do que um lugar

É a capital de um sonho que me faz sambar

(Portela, 2013).

## **2. O nascimento da Águia**

### **2.1 História da Portela**

#### **2.1.1 O surgimento**

Neste capítulo, abordarei a história da Portela e a construção estrutural da escola até chegar no ano de 2023, cuja data escrevo essa monografia. É justo que se explique aquela que é meu objeto de estudo e me trouxe até esse momento. Pretendo abordar com cuidado e delicadeza cada detalhe dissertado abaixo, sendo tão imparcial quanto meu sentimentalismo me permitir.

Assim como no capítulo anterior, foi difícil encontrar fontes e materiais confiáveis que pudessem me ajudar a remontar essa história, principalmente quando entramos no campo dos registros imagéticos. Então, para o embasamento desse escrito, apelo aos livros de carnaval, sites oficiais da escola e a sites carnavalescos para legitimar essa narrativa.

O site da escola, narra que no século XV, a região que hoje é conhecida por Madureira, era chamada de freguesia do Irajá, uma área muito próspera, que sitiava inúmeras fazendas e engenhos de açúcar. Era nessa localidade que existia o Engenho do Portela, que posteriormente se tornaria a principal via de Madureira e adjacências: a estrada do Portela.

Partindo para o século XX, com as reformas do centro da cidade e a crise enfrentada pelas regiões sustentadas pelo trabalho escravo, as fazendas começaram a ser divididas pelos senhores e compradas pela população pobre, que migrava para a área mais rural da cidade. Aqueles que se refugiaram na região de Oswaldo Cruz, trouxeram consigo o ritmo que começava a se difundir da Praça Onze: o samba.

O samba cresce e se populariza no subúrbio em resposta aos problemas enfrentados: o descaso público, a segregação sócio-espacial, a pobreza e a falta de lazer. A partir disso, as pessoas começam a se reunir em terreiros e casas religiosas

para compor poesias que posteriormente se transformariam nos sambas. O jongo, por exemplo, se instala na região e pela qualidade tipicamente rural, preserva suas raízes e se perpetua por ali. Nesse mesmo período, se inicia a ascensão dos ranchos e blocos carnavalescos na cidade, e, segundo Antônio Caetano — que viria a ser um dos fundadores da Portela — o primeiro bloco a surgir na região foi fundado por Paulo Benjamin de Oliveira, mais tarde conhecido como Paulo da Portela.

Ainda no site, conta-se que aproveitando o sucesso dos ranchos, o bloco se assemelhava a uma marcha-rancho e se chamava “Ouro sobre Azul”. O samba propriamente dito, chega a Oswaldo Cruz através de Napoleão José do Nascimento, o pai de seu Natal, uma figura que anos a frente, se tornaria emblemática na Portela. Eram nas festas que aconteciam em sua casa, que moradores do morro de São Carlos apresentavam o ritmo e escreviam novas composições. Além de seu Napoleão, outra contribuição muito importante para a região foi a vinda de Dona Esther e seu marido. Eles eram porta-estandarte do cordão “Estrela Solitária”, mas abandonaram o posto após desentendimentos. Na casa deles passaram alguns nomes muito conhecidos, como Donga e que outros puderam ter o primeiro contato com o samba, como Candeia, por exemplo. Dona Esther fundou também o bloco “Quem Fala de Nós Come Mosca”, que foi muito famoso e serviu como semente para o bloco “Baianinhas de Oswaldo Cruz”, fundado por Paulo da Portela, Antônio Rufino e Antônio Caetano. Esse último bloco, no entanto, não foi muito extenso. Após desentendimentos, os três homens se retiram da organização e criam o “Conjunto Carnavalesco Oswaldo Cruz”, que utilizava a licença do “Quem Fala de Nós Come Mosca” para desfilar.

[As festas] eram famosas e duravam dias. Vinha gente de toda cidade, como políticos, artistas e sambistas do Estácio. A residência era uma espécie de casa da Tia Ciata, onde o samba rolava solto a semana inteira. Tinha Esther tinha bom relacionamento com políticos, tinha seu bloco legalizado, com alvará e licença, para não ser importunado pela polícia, desfilava somente em Oswaldo Cruz e era formado, basicamente, por crianças. De um modo geral, os moradores de Oswaldo Cruz não tinham muitas opções de diversão e era comum se reunirem na casa de amigos para dançar o jongo e o caxambu e participarem de cerimônias religiosas ligadas ao candomblé (Araújo, 2007).



*Figura 9: Desfile do Conjunto Carnavalesco Oswaldo Cruz, S/D  
Foto: Acervo Cultural Portela*

Apesar do conjunto não ser considerado escola de samba, Amaury Jório e Hiram Araújo, em "Escola de samba: vida, paixão e sorte" (1969) escrevem que os fundadores da Deixa Falar — considerada a primeira escola de samba do Brasil — se inspiraram na organização e tranquilidade da Oswaldo Cruz para a criação da agremiação.

Voltando a linha do tempo, segundo Fábio Pavão (S/D), em texto escrito para o site da Portela, era na casa de Paulo da Portela a primeira sede do conjunto. Foi lá também que pediu à Mãe de Santo, Dona Martinha que pudesse batizar a escola e consagrá-la aos Santos que até hoje a regem: Oxossi e Oxum. Esse conjunto era um sonho de Paulo, que trabalhou muito para que se firmasse. Nos primeiros anos, as pessoas se reuniam na Central do Brasil, mais precisamente no trem das 18:04h, que partia em direção à Deodoro. Uma vez que todos os componentes trabalhavam no centro da cidade, esse era o único ponto de encontro que se mostrava viável diariamente. Durante a viagem, eram feitas as reuniões, as composições do samba e

resolvidos os assuntos relacionados ao conjunto. É a partir dessas conferências que surge a inspiração para o “Pagode do Trem”, realizado dia 02 de dezembro anualmente.

O pessoal da Portela se reunia diariamente. Mas era no trem. A reunião era na Central. Aqueles que trabalhavam vinham no trem das seis e quatro, da Central para Oswaldo Cruz, esse trem era paradoro, vinha parando em todas as estações desde o Engenho de Dentro a Cascadura. A maior parte da turma desabava toda em Oswaldo Cruz. Outros iam para Bento Ribeiro, Madureira e adjacências. Ali passava-se o samba. Já começava a passar o samba na Central, enquanto esperava a hora do trem. O pessoal ia chegando quatro horas, quatro e meia, até seis e quatro, quando chegava o trem. E uma turma ia de Oswaldo Cruz. Quando chegava umas cinco horas, tomava um banhozinho, botava o paletó, enfiava o tamborim debaixo do braço e partia pra lá pra se reunir. Na estação D. Pedro II, o carro de prefixo Deodoro era a sede móvel da Portela, a sede volante. As pessoas iam de Oswaldo Cruz até a Central pra poder volta junto. Nesse tempo não tinha roleta, não tinha coisa nenhuma. O sujeito entrava no trem, o condutor ia cobrando, picotando as passagens. Muita gente não pagava. O hábito de viajar no seis e quatro durou muito tempo. Meu pai era sapateiro. Eu ajudava a ele. Se acabava mais cedo, não tinha importância: esperava o seis e quatro (Silva; Santos, 1979).

Entretanto, não apenas Paulo como todos os integrantes se esforçaram muito para que o conjunto pudesse desfilar todos os anos. Em outro texto, Pavão (S/D) cita Antônio Rufino, responsável pela procuradoria da Oswaldo Cruz e fundador. Nesse escrito, ele conta sobre a dificuldade financeira que enfrentavam e como Rufino sempre conseguia levar a escola com tão pouco recurso. Por isso, seu caráter era respeitado e conhecido.

Para conseguir os recursos, Rufino cobrava pessoalmente uma mensalidade de quinhentos réis de cada portelense. O dinheiro obtido era investido na "caixinha", responsável por empréstimos a juros baixos, e na venda de pequenos produtos, como cigarros, por exemplo.

Quando a Portela, na época ainda chamada "Vai Como Pode", desfilava no Centro da cidade, Rufino era sempre o último a passar pela roleta, sendo o responsável pelo pagamento das passagens de todos os componentes. Certa vez, Rufino empenhou seu próprio terno para que a escola pudesse desfilar (Pavão, S/D).

Em 20 de janeiro de 1929, ocorreu o primeiro concurso de sambas, promovido pelo pai de santo Zé Espinguela. Nesse evento, participaram as escolas Estação Primeira de Mangueira, Oswaldo Cruz e Estácio de Sá. Nesse dia, o conjunto carnavalesco Oswaldo Cruz recebe seu primeiro título, com o samba “A tristeza me persegue” de Heitor dos Prazeres. O motivo de alegria para a vencedora, foi a tristeza das demais, que se indignaram com o campeonato e ameaçaram quebrar o troféu. Em um relato para as escritoras Silva e Santos (1980), Cláudio Bernardo da Costa, 91 anos — sócio da Portela que estava presente no dia da disputa —, conta que a Estácio não gostou da vitória, já que Heitor foi criado no morro de São Carlos. Naquela época, as escolas já haviam escolhido algumas cores para representá-las: Oswaldo Cruz com azul e branco, Mangueira com verde e rosa e Estácio de vermelho e branco.

[...] ocorreu um boato que a Estácio e a Mangueira ia quebrar a taça que foi ganha pelo conjunto de Oswaldo Cruz, Zé Espinguela então arrumou três taças e em cada uma delas colocou fitas com cores diferentes, uma encarnada e branca para a Estácio, outra verde e rosa para a Mangueira e a outra azul e branca, para o conjunto de Oswaldo Cruz. A importância desse gesto foi que segundo depoimento de Antônio Rufino, um dos fundadores da Portela, ajudou a apontar as cores das escolas de samba (Silva; Santos, 1980, p. 55).

Apesar da vitória, o prestígio conquistado por Heitor dos Prazeres não foi bem recebido dentre os membros da Oswaldo Cruz. Depois do concurso, o amigo de Paulo da Portela se torna o líder do conjunto e sugere uma mudança de nome para “Quem nos faz é o capricho”. Além disso, o sambista também desenhou uma bandeira para a nova fase. A mudança foi aprovada por Paulo, com a justificativa que a fama do compositor ajudaria a divulgar a escola.

Em 1930, Heitor se afastou do grupo após se desentender com o mestre-sala Manuel Bam-Bam-Bam e Antônio Rufino, que não aprovaram o “estrangeiro” e as medidas que tomou dentro da agremiação. Para os membros, era inconcebível que uma pessoa de fora da escola fosse o líder. No ano seguinte, após diversas

dificuldades para seguir com o desfile, os sambistas mudam o nome da agremiação para “Vai como pode”, e a partir de então, começa a ganhar notoriedade nos jornais, se tornando o nome mais lembrado da futura Portela.



*Figura 10: Paulo da Portela na roda de samba, década de 30, S/D  
Foto: Acervo Portelense*

Ainda em 1931, Antônio Caetano desenhou a primeira bandeira do grupo com o nome novo. Em depoimento para as autoras Silva e Santos (1980), diz que se inspirou no Japão e no sol nascente. Além disso, as cores azul e branco remetem à Nossa Senhora da Conceição, padroeira da escola, no sincretismo, ela representa Oxum das religiões de matrizes africanas. A águia foi escolhida por ser a ave que voa mais alto. Nesse período, houveram inúmeras inovações nas quais a Portela foi pioneira, primeira alegoria, reco-reco, caixa surda, comissão de frente uniformizada, destaque e harmonia.



Figura 11: Bandeira da Portela, (S/D)  
Foto: Site Rádio Arquibancada

### 2.1.2 A Portela Vanguardista

Em 1934, a “Vai Como Pode” muda mais uma vez de nome e finalmente se torna Portela. Foi em 1º de maio, que ao tentar licenciar o desfile, Paulo da Portela é impedido de conseguir a autorização, pois segundo o delegado presente, uma escola daquele nível não deveria ter um nome tão “chulo”.

A mudança de nome veio em 1934, no dia 1º de maio. Ao receber dirigentes da Vai como Pode, o delegado de polícia Dulcídio Gonçalves fez uma proposta inesperada: a mudança de nome da escola. Alegou que não ficava bem uma grande escola de samba ostentar um nome tão chulo como Vai como Pode. Paulo da Portela, embora nunca fosse chamado de Paulo da Vai como Pode, tentou defender o antigo nome, segundo ele, sugerido pela própria polícia. O delegado, porém, sustentou que não renovaria a licença de nenhuma escola com o nome de Vai como Pode. E sugeriu um nome, que, segundo ele, tinha a pompa adequada para uma escola de samba daquele nível: Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela. Diante das circunstâncias, a proposta foi aceita (Cabral, 1996, p.95).

Já em 1935, a Portela venceu seu primeiro campeonato contabilizado na lista oficial, com o enredo “O samba dominando o mundo”. Inspirado pelos ranchos, Antônio Caetano cria uma estética nunca vista na avenida. Desenha fantasias e alegorias, dentre elas o inovador globo giratório que impressionou o público. Por desenvolver as primeiras ideias de plasticidade dos desfiles, ele é considerado o primeiro carnavalesco do carnaval brasileiro.



Figura 12: Primeira alegoria de uma escola de samba, 1935  
Foto: Site Acervo Portelense

Ainda em 1935, narra-se no site oficial, que o jornal “A Nação” lançou um concurso que elegeria o maior compositor das escolas de samba através de voto popular. Paulo da Portela concorre pela escola contra outros compositores da Mangueira, Estácio de Sá e Salgueiro e vence a disputa. Porém, essa vitória custou muito a Antônio Caetano, que se endividou bastante com a eleição. Ele esperava receber a quantia ganhada pelo prêmio para quitar suas pendências, mas não foi assim que os fatos se estabeleceram.

Caetano, que havia se endividado para a eleição de Paulo, esperava contar com o dinheiro do prêmio para restituir a grande quantia financeira obtida junto a Sérgio Hermógenes. Paulo, politicamente, usou o prêmio esperado por Caetano e comprou presentes para as principais figuras participantes do evento. Paulo acreditava que tal atitude seria um investimento a longo prazo. Estava investindo em sua imagem, esperando colher frutos futuros. A dívida seria quitada quando o retorno de sua gentil atitude mostrasse os primeiros resultados. Caetano, com a palavra empenhada junto a Sérgio Hermógenes, não aceitou as argumentações do amigo. Rompeu relações com Paulo, se afastou da Portela e pagou a dívida por conta própria (Portela Web, S/D).

Infelizmente, a história da Portela é marcada por muitas dissidências e brigas, e a saída de Antônio Caetano é apenas uma das diversas discussões que rondam a história da agremiação.

Mas, apesar do desentendimento com o amigo, a decisão de Paulo se mostrou acertada e sua popularidade decolou a partir de então. Ao criar laços com pessoas de outros níveis sociais, o sambista garantiu sua entrada em ambiente que não teria acesso por ser pobre e suburbano. Em 1937, devido ao seu prestígio, é eleito Cidadão-Samba por unanimidade.



Figura 13: Paulo da Portela, Cidadão-samba, S/D  
Fonte: Site Raiz do Samba em Foco

No carnaval de 1939, A Portela mais uma vez estabelece novos níveis de apresentação ao criar o primeiro desfile com samba-enredo: “Teste ao samba”. Essa apresentação foi toda organizada por Paulo da Portela, desde a composição da melodia até a harmonia do desfile. Como esperado, a escola ganhou o campeonato, levando o 2º título da década para Madureira.

### 2.1.3 O apogeu da Águia

Os anos 40 são conhecidos pelos portelenses como a época de glória da agremiação. A Portela ganhou 7 desfiles consecutivos, se consagrando heptacampeã do carnaval, com títulos de 1941-1947. Apesar disso, o mundo estava passando por conflitos, com a 2ª Grande Guerra e por isso, muitas escolas não encontram razões para desfilar. No entanto, os enredos nacionalistas apresentados em 43, 44 e 45 foram sugeridos pela União Nacional dos Estudantes. A apresentação da Portela nos anos conflituosos é justificada, já que Paulo era uma

pessoa extremamente política. Desde sua luta para desmarginalizar o samba, suas rigorosas regras de “pescoço e pés ocupados”, sua diplomacia com diferentes figuras até sua participação ativa no Partido Comunista Brasileiro. No site do PCB, encontram-se mais informações sobre a veia política do sambista.

Em 1945 [Paulo da Portela] engajou-se na atividade política, participando de comícios do Partido Comunista (PCB) e candidatando-se a vereador pelo PTN (Partido Trabalhista Nacional), com apoio do Jornal Diário Trabalhista e de entidades ligadas ao carnaval, mas não conseguiu êxito na eleição. Foi um grande articulador político, reunindo o mundo do samba para reivindicar o auxílio financeiro do Estado às escolas de samba, “divertimento máximo do povo”, conforme entrevista concedida ao Jornal Tribuna Popular, ligado ao PCB. No Carnaval de 1946, organizou a homenagem ao retorno dos pracinhas da FEB (Força Expedicionária Brasileira), que foram lutar na Itália contra as tropas nazifascistas (Sem autor, 2023).



*Figura 14: Portela Campeã, 1947  
Foto: Acervo Portelense*

Ainda que a década tenha sido um grande momento para a Portela, um evento marcou negativamente o período. A saída de Paulo da Portela da escola.

Para entender melhor os motivos do desentendimento, é preciso voltar à 1937. Segundo o documentário Paulo da Portela: O teu nome não caiu no esquecimento (2001), à medida que a popularidade do sambista cresceu, ele se juntou aos amigos Cartola e Heitor dos Prazeres para fazer uma turnê de samba pela América Latina. O objetivo era atravessar as fronteiras do Rio de Janeiro e levar o ritmo para o resto do Brasil e do continente. Por isso, no dia do desfile de 1941,

eles estavam em São Paulo fazendo shows e chegaram na hora do desfile ao Rio. Entretanto, estavam vestidos com a roupa preta do conjunto e a regra era clara: É proibido entrar na escola sem o traje azul e branco. Chegando no local, foram impedidos por Manuel Bam-Bam-Bam, mestre sala. No documentário, Dona Neném, baluarte da escola e esposa do compositor Manacéa fez um depoimento sobre o acontecimento:

Esse ano eu saí na Portela. Então, eu vinha na ala na frente, minha ala era a primeira ala. E perto de mim, seu Paulo quis entrá. Era ele. Eu me lembro que tinha o Cartola, tinha mais outra pessoa e tinha um sinhô que quase ninguém fala, [...] que tinha uma escola que tinha o nome de “papagaio linguarudo”, então ele se vestiu de verde, [...] com um paletó verde que tinha um papagaio nas costas, [...]. Então seu Paulo chegou, e quis entrá, assim perto da gente, da minha ala. ele suspendeu a corda. Então veio o Manuel Bamba, não tenho certeza se Ventura... acho que tava e um outro. Ele disse assim: Você entra, mas seus amigos não. Ele pegou e não entrou, ele saiu. Por isso que eu digo, ele não foi expulso, ele não entrô. Ele num quis entrá, porque os amigo dele num entrô. Foi isso que aconteceu. (Paulo da Portela: O teu nome não caiu no esquecimento, 2001) (Sic)

Ao impedir que seus amigos desfilassem, Paulo não aceita a desfeita e decide não desfilar também. Estima-se também que a briga não aconteceu somente por causa dos trajes, mas por outra rixa antiga, que aconteceu em 1929, entre Heitor e Manuel, na época em que o compositor estava a frente da escola. A partir de então, seu Paulo da Portela decide se afastar da escola e não desfilar mais.

Mesmo assim, depois do desentendimento, no mesmo ano, Paulo volta à quadra da Portela para dirigir a visita de Walt Disney à Oswaldo Cruz. O estadunidense chega ao país através da política da boa vizinhança e visita a escola para conhecer melhor o samba e o Rio de Janeiro. Inclusive, existe uma teoria de que o personagem Zé Carioca, criado pouco tempo depois da visita, foi inspirado no sambista.



Figura 15: Visita de Walt Disney à quadra da Portela, 1941

Foto: Acervo Portelense

Infelizmente, em 1949, Paulo da Portela falece precocemente, aos 48 anos, brigado com a escola que tanto amava. No documentário, a escritora Marília Silva depõe e diz acreditar que o afastamento do compositor foi mais profundo do que a questão com a vestimenta apresenta, influenciando inclusive em sua morte.

A grande discussão em torno do Paulo é a saída dele da Portela. Quer dizer, o homem vai nos anos 20, [..], dedica 20 anos da sua vida, e depois é excluído. E o que que foi? Foi realmente aquela história de ter uma roupa diferente da ala e querer entrar no desfile no desfile com Cartola e Heitor? Não creio, porque [...] a escola, não usava como um todo, a roupa toda igual. [...]. Posteriormente, quando o Walt Disney veio ao Brasil, o Paulo chegou, organizou, dentro da Portela a visita [...]. E todo mundo concordou. Ele dirigiu a visita, dançou, mostrou... enquanto ele dançava, diante dos desenhistas [...], eles iam desenhando e diante daquela história toda sai, brota a figura do Zé Carioca. [...]. A gente vê que esse rompimento não é tão radical assim. E, mas, sobretudo, o grande problema ali, era que Paulo representava valores que aquela comunidade não compreendia. Então, quando o Paulo pegou o samba do Rufino e levou para a cidade para ser gravado; e que Heitor interferiu, isso para ele, ele estava levando um samba da comunidade para ser consumido por um grupo. Estava levando a comunidade dele para o mercado. E na verdade não foi assim que isso foi entendido. Para o frequentador de escola de samba, o samba depois que era gravado, era proibido de ser tocado na quadra. Então, o valor para eles maior, era a quadra, ao passo que o Paulo já vinha de um outro lugar que o valor é levado da quadra para gravar; E que lhe daria direitos autorais, daria... Então, é um grande problema de valores diferentes. Foi esse o grande drama de Paulo da Portela. Foi esse o grande drama do nosso Príncipe Negro. E eu acho que esse grande drama foi que o retirou do meio de nós aos 49 anos, em 1949. ((Paulo da Portela: O teu nome não caiu no esquecimento, 2001) (Sic)

Antes de falecer, o compositor escreveu o samba “O Meu Nome Já Caiu no Esquecimento”, cuja letra descreve com amargor o sentimento de estar afastado do sonho que sustentou durante todos os anos à frente da escola.

O meu nome já caiu no esquecimento  
O meu nome não interessa a mais ninguém

E o tempo foi passando  
A velhice vem chegando  
Já me olham com desdém  
Ai quanta saudade do passado  
Que se vai lá no além

Chora cavaquinho chora  
Chora violão também  
O Paulo no esquecimento  
Não interessa a mais ninguém

Chora Portela, minha Portela querida  
Eu que te fundei, serás minha toda a vida (Portela, S/D).

Em 1949, devido às políticas do Estado, os desfiles foram divididos em duas ligas: A Federação das Escolas de Samba, liga oficial do carnaval e a União Geral das Escolas de Samba do Brasil, liga “não-autorizada”. Essa divisão aconteceu após Mangueira e Portela questionarem a integridade da liga oficial, que era acusada de montar complô junto ao Império Serrano. Os desfiles ocorreram separadamente, e naquele ano, Império ganha a apresentação oficial e Mangueira leva o outro título, estando a Portela como vice.

Os anos após foram angustiantes para os torcedores, que esperavam impacientemente a disputa entre Portela e Império Serrano, que só aconteceu em 1953, quando as duas ligas se juntam. A Portela ganha o concurso, com o enredo "As seis datas magnas", estreando o primeiro samba de Candeia e seu parceiro Altair Prego para a escola.



*Figura 16: A ilustre porta-bandeira Dodô e o mestre sala Manuel Bam-Bam-Bam, 1959  
Foto: Acervo Portelense*



*Figura 17: A tradicional porta bandeira Vilma Nascimento e o mestre-sala Ary da Liteira  
Foto: Acervo Portelense*

No final da década, a Portela venceu mais quatro campeonatos, 1957, 1958, 1959 e 1960. Nesse período também, Natalino José do Nascimento, seu Natal, tornou-se líder oficial e patrono da escola.



*Figura 18: Natal da Portela, 1972  
Foto: Acervo Portelense*

O sambista é um nome muito importante para o crescimento da agremiação. Desde o início, esteve presente e cultivou amizade com Paulo da Portela, uma vez que os primeiros ensaios da escola aconteceram nos fundos da casa de seu pai, seu Napoleão do Nascimento. Desde muito novo começou a trabalhar na Central do Brasil, mas devido a um acidente ferroviário, perdeu o braço e foi demitido por invalidez. A partir daí, começou a se dedicar ao samba e viver para a Portela. Ouso dizer que depois de seu Paulo, seu Natal foi o homem que mais amou a escola, e após a morte do amigo, se empenhou em transformar a Portela na maior escola de samba do mundo. Após a demissão, tentou sobreviver de bicos, mas foi ao se tornar anotador do jogo do bicho que cresceu financeira e popularmente. Natalino foi alçando espaço dentro do negócio até herdar as bancas de Madureira, e com o dinheiro que ganhava, estabeleceu o objetivo de chegar onde o poder oficial não alcançava. Por isso ajudou igrejas, amigos, ocupou o cargo de diretor do Madureira Esporte Clube e construiu um novo estádio. Então, é correto supor que foi a partir de Natal que o jogo do bicho ganhou espaço entre as escolas de samba do Rio de Janeiro.

É quase impossível dissociar a figura de Natal dos anos áureos da Águia, já que ele esteve ativo na escola por aproximadamente 30 anos, no intervalo que se estende de 1941 a 1970. Nesse período, a azul e branco saiu vitoriosa por 17 vezes, conquistando o extraordinário heptacampeonato (1941-1947) e, posteriormente, um tetra (1957-1960). Em meio a tantos títulos, o aporte financeiro do banqueiro popular foi fundamental para os anos de glórias da agremiação. Dono de uma robusta personalidade e de muita coragem, com o passar do tempo, 'seu' Natal da Portela foi se transformando em um eminente personagem do subúrbio carioca (Site Carnavalize, 2023).

Após a morte de Paulo, Natal começa a investir mais ativamente no crescimento da escola, como forma de honrar a memória do amigo. Ainda em 1959, a Portelinha (Antiga quadra da escola) começa a ser construída com o dinheiro do sambista.

### A "PORTELA" FESTEJA HOJE O TRICAMPEONATO DO SAMBA

A Escola de Samba "Portela" viverá hoje momentos de intensa alegria e vibração, com a festividade que promoverá em seu terreiro de ensaios, para comemorar o tricampeonato do samba. Dado o alto valor da conquista, os portelenses, tendo à frente a figura incansável de José Natalino do Nascimento, o conhecido "Natal", esperam que o dia de hoje, seja inesquecível para quantos comparecerem à sua sede.

Figura 19: Manchete de Jornal anuncia a conquista do tricampeonato de 50, 1959

Foto: Acervo Portelense

Também por intermédio de Natal, em 1959, a Portela foi convidada por Negrão de Lima, ministro das relações exteriores, a se apresentar no Palácio do Itamaraty para a duquesa de Kent. Além desse episódio, a família real de Luxemburgo também visitou a "Portelinha", que foi construída com o dinheiro arrecadado no "jogo do bicho".

### Samba Puro Para a Duquesa de Kent

Ontem à noite, o Palácio Itamaraty recebeu um numeroso grupo de visitantes excepcionalmente alegres: as moças e rapazes da Escola de Samba da Portela romperam o silêncio habitual da grave Casa de Rio Branco num animador ensaio de exibição que farão logo mais, durante a recepção à Duquesa de Kent e a Princesa Alexandra. Num tablado armado junto ao lago, os ritmistas e passistas da Portela, campeã do último carnaval, se expandiram, aprimoraram as evoluções que repetirão esta noite, na primeira exibição de escola de samba em programas oficiais no Itamaraty. \*\*\* A foto foi colhida oficialmente no Itamaraty. \*\*\* Acima, a foto do ensaio.

Figura 20: Manchete de jornal anuncia a visita da Duquesa de Kent, 1959

Foto: Acervo Portelense

A partir de 1961, a Portela conquista mais três títulos, 1962, 1964 e 1966. Sendo o último ano, o enredo “Memórias de um Sargento de Milícias”, de Paulinho da Viola, compositor consagrado e membro ativo da escola. É na década de 60 também que se inicia um movimento de expansão das escolas de samba para outras áreas da cidade. Existiu uma necessidade de que o público mais elitizado pudesse conhecer e frequentar essas entidades, como forma de legitimar a existência e as atividades das escolas. Foi nesse período que as sedes, antes conhecidas como terreiros, passaram a ser chamadas de quadras, para se afastar da religião e das matrizes africanas e se aproximar de um público mais conservador e católico. A Portela começa a realizar seus ensaios no ginásio do clube de futebol Botafogo, fato que ajuda a aumentar a popularidade da escola.



*Figura 21: Paulinho da viola, quadra da Portela, 1966  
Foto: Acervo Portelense*

#### **2.1.4 A época dos inesquecíveis**

A década de 70 se inicia com mais um título, dessa vez “Lendas e Mistérios da Amazônia” (1970), sob a direção do carnavalesco Clóvis Bornay. O samba, interpretado por Silvinho da Portela, até hoje é lembrado por todos. O enredo é tão importante, que foi reeditado e desfilou mais uma vez em 2004 pela escola.

## Portela é campeã da Avenida

### RESULTADO FINAL POR QUESITO

| ESCOLAS   | PRO-<br>METRA-<br>GEM. | ALEGO-<br>RIAS. | L. SAI-<br>BA EN-<br>FREDO. | DESE-<br>LE DE<br>QUALI-<br>DADE. | FANT-<br>CON-<br>DE PRE- | MELOD.<br>E<br>HARMON. | CONJUN-<br>TO | EVOLU-<br>ÇÕES. | COOR-<br>D. P. BAN-<br>DEIRA. | BATE-<br>RIA. | ENFREDO | TOTAL | CELE-<br>BRAÇÃO. |
|---|------------------------|-----------------|-----------------------------|-----------------------------------|--------------------------|------------------------|---------------|-----------------|-------------------------------|---------------|---------|-------|------------------|
| G.R.E.S. UNIDOS DO JACAREZINHO                  | 10                     | 2               | 4                           | 1                                 | 5                        | 5                      | 4             | 4               | 6                             | 6             | 3       | 50    | 9º               |
| G.R.E.S. ACADÊMICOS DE SANTA CRUZ               | 8                      | 2               | 3                           | 1                                 | 4                        | 5                      | 3             | 4               | 5                             | 7             | 3       | 37    | 10º              |
| G.R.E.S. SOCIEDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL | 10                     | 3               | 7                           | 3                                 | 8                        | 7                      | 6             | 7               | 9                             | 10            | 8       | 78    | 4º               |
| G.R.E.S. IMPÉRIO SERRANO                        | 0                      | 2               | 7                           | 2                                 | 8                        | 7                      | 7             | 6               | 9                             | 9             | 8       | 65    | 8º               |
| G.R.E.S. UNIDOS DE SÃO CARLOS                   | 10                     | 2               | 5                           | 3                                 | 8                        | 6                      | 7             | 7               | 9                             | 8             | 7       | 72    | 7º               |
| G.R.E.S. IMPERATRIZ LEOPOLDINA                  | 10                     | 3               | 8                           | 1                                 | 8                        | 8                      | 5             | 5               | 10                            | 8             | 8       | 74    | 6º               |
| G.R.E.S. ACADÊMICOS DO SALGUEIRO                | 10                     | 3               | 8                           | 4                                 | 8                        | 7                      | 8             | 8               | 9                             | 10            | 8       | 83    | 2º               |
| G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA          | 10                     | 4               | 8                           | 4                                 | 8                        | 7                      | 6             | 6               | 10                            | 9             | 7       | 79    | 3º               |
| G.R.E.S. UNIDOS DE VILA ISABEL                  | 10                     | 4               | 6                           | 4                                 | 7                        | 7                      | 7             | 8               | 10                            | 8             | 6       | 77    | 5º               |
| G.R.E.S. PORTELA                                | 10                     | 5               | 7                           | 5                                 | 8                        | 9                      | 8             | 8               | 10                            | 10            | 8       | 88    | 1º               |

Figura 22: Manchete de jornal anuncia o campeonato de 1970, 1970

Foto: Acervo Portelense

Em 1972, Natal e Carlinhos Maracanã, presidente da escola na época, começam a construção do Portelão, atual quadra da Portela, situada na Rua Clara Nunes, 94, Madureira. Um projeto grandioso, que finalmente poderia abrigar uma agremiação grandiosa.



Figura 23: Vilma, Benício e Natal na inauguração do Portelão, 1972

Foto: Acervo Portelense

No final dos anos 70, estudiosos e pesquisadores começaram a perceber o samba como um grande acontecimento no Rio de Janeiro. A partir desse momento, inicia-se um movimento de interesse no remonte da história e na catalogação de

dados. Porém, por não haver muitos registros, os sambistas mais velhos foram essenciais para que as pesquisas fossem iniciadas. Antônio Rufino, um dos fundadores da escola, foi de grande importância nesse momento, ao relembrar momentos iniciais da formação das escolas, da Portela e do samba carioca.

1974 é um ano muito importante para a história da Portela com Natal. Após o afastamento de Carlinhos Maracanã, seu Natalino reassume a escola. Esse ano também é o último em que o patrono da agremiação cruza a avenida. No site oficial da Portela, narra-se que, ao chegar na dispersão para resolver problemas técnicos, é aplaudido e ovacionado pelo público, que o admirava demais. Após a recepção emblemática, o sambista começou a adoecer e não acompanhou mais a escola. Em 1975, Natal faleceu, deixando uma comunidade triste com a morte de mais um baluarte. Também em 75, mais dissidências ocorreram depois de conflitos internos. Zé Ketti, Candeia, Paulinho da Viola e outros componentes se afastam da escola. Candeia inclusive, morreu em 1978, ainda brigado com a Portela.

Em 1980, mais uma vez, a Águia ganhou um título, contabilizando vinte para a história da agremiação. O enredo “Hoje tem Marmelada” foi assinado por Viriato Ferreira e chegou para Oswaldo Cruz e Madureira após 10 anos sem nenhuma vitória. A partir daí, as vitórias começariam a ser mais distantes e difíceis, com tantas escolas surgindo e contrastando com o tradicionalismo arraigado da Portela.



Figura 24: O circo, carro do desfile “Hoje tem Marmelada”, 1980

Foto: Acervo Portelense

Quatro anos depois, aconteceu a estreia do Sambódromo. Ouso dizer que também nesse ano, a Portela apresenta seu enredo mais famoso: “Contos de Areia”, que homenageia Natal, Paulo da Portela e Clara Nunes, recém falecida na época. A escola venceu o campeonato com louvor e aclamação do público, dos jurados e da mídia.



*Figura 25: Clara Nunes e seu Natal na Portelinha, 1972  
Foto: Acervo Portelense*

Clara Nunes foi uma cantora mineira muito famosa de MPB e samba nas décadas de 70 e 80. Iniciou sua carreira em 1960, quando venceu o campeonato de cantores nesse mesmo ano. Em 1963, começou a apresentar seu próprio programa de televisão, ainda em Belo Horizonte, chamado “Clara Nunes Apresenta”. Dois anos depois, decidiu mudar-se para o Rio de Janeiro, onde apresentou-se em diversos programas de televisão: José Messias, Chacrinha, Almoço com as Estrelas e Programa de Jair do Taumaturgo. No começo, cantava boleros e MPB no geral. Ainda em 1965, se converteu ao Candomblé — ponto muito importante em sua carreira, já que incorporou em suas vestimentas e concertos a religião —, e gravou seu primeiro disco, “Voz Adorável de Clara Nunes”. Três anos depois, gravou o segundo, “Você Passa e Eu Acho Graça” contendo somente sambas. A partir desse momento, começou a fazer muito sucesso e em 70, se tornou a cantora com maior número de

LP 's vendidos no Brasil, quebrando recordes e estigmas de que mulheres não vendiam LP' s. No processo de crescimento no mundo do samba, Clara precisou começar a frequentar escolas de samba para aumentar seu conhecimento. Como o terreiro que frequentava era situado em Madureira, a aproximação com a Portela pareceu natural. Por isso, declara seu amor pela escola e se torna a intérprete com mais canções portelenses gravadas. Em seu repertório estão “Ilú Ayê”. “Canto das Três Raças”, “O Mar Serenou”, “Juízo Final” e a lindíssima declaração de amor à Portela, “Portela na Avenida”.

Portela  
 É a deusa do samba, o passado revela  
 E tem a velha guarda como sentinela  
 E é por isso que eu ouço essa voz que me chama  
 Portela  
 Sobre a tua bandeira, esse divino manto  
 Tua águia altaneira é o espírito santo  
 [...]
   
 Salve o samba, salve a santa, salve ela  
 Salve o manto azul e branco da Portela  
 Desfilando triunfal sobre o altar do carnaval (de Oliveira; Pinheiro, 1981).

## “CONTOS DE AREIA” PORTELA APRESENTA HISTÓRIA DE DEUSES E MITOS

**C**ontos de Areia” — uma analogia entre os deuses africanos e os heróis já falecidos da escola — será o enredo que a Portela mostrará no próximo carnaval. O tema, idealizado pelos carnavalescos Edmundo Braga e Paulino Espírito Santo, homenageia três dos grandes mitos portelenses: Paulo da Portela, Natal e Clara Nunes. O lançamento oficial do enredo foi feito durante um jantar, quarta-feira passada, na sede da Portela. Na ocasião, também foram en-

tregues troféus e diplomas aos presidentes de alas e destaques do carnaval passado, que desfilaram ao som de “A Ressurreição das Coroas” (samba enredo de 83), para uma platéia de mais de 500 convidados. Chovia forte em Madureira. As festividades, embora com início previsto para as 21h, só começaram duas horas depois. Quem chegava da rua e entrava na quadra de ensaios da escola, recebia de cara o impacto do ambiente portelense. Nas mesas havia bandejas carregadas de

frutas; no palco, em frente à monumental águia azul pintada na parede, na mesa reservada à diretoria da Portela, a decoração era de bananas, abacaxis, peras, melancias, uvas e maçãs. O bate-papo nas rodas de sambistas e convidados, que pouco a pouco começavam a chegar; as dezenas de faixas brancas com letras azuis, anunciando o nome do enredo e dos homenageados; as coroas de flores distribuídas pelo palco — tudo remetia à lembrança de Clara Nunes. Ela não estava apenas pre-

sente no enredo que a escola mostrará no próximo desfile mas, sobretudo, nos corações de todos os portelenses. Depois que Edmundo Braga explicou aos convidados o enredo “Contos de Areia”, começaram as homenagens às alas e destaques, com os desfiles das fantasias. O ponto alto da festa foi a apresentação da mulata Tudi, da “Ala das Mulatas” que, embora não estivesse com a fantasia mais original, arrancou do público aplausos entusiasmados.

Figura 26: Manchete de jornal anuncia o enredo “Contos de Areia”, 1984

Foto: Acervo Portelense

“Contos de Areia” foi o último desfile campeão da escola até 2017, quando conquistou seu 22º campeonato. Esses 33 anos de espera foram angustiantes e marcados por muitos altos e baixos na história da Portela.

Nos anos 90, vale pontuar 3 desfiles que marcaram a década. São eles: “Tributo à Vaidade” (1991), “Gosto que me Enrosco” (1995) e “Os Olhos da Noite” (1998). Todos eles foram premiados com o Estandarte de Ouro e são prestigiados na comunidade, principalmente o de 1995. Nesse ano, a Portela fez um desfile impecável, aclamado e lembrado com carinho por todos, e conquistou o 2º lugar, atrás da Imperatriz Leopoldinense, “Mais vale um jegue que me carregue, que um camelo que me derrube lá no Ceará”, 1995 por 0,5 pontos. Esse desfile é polêmico por ser considerado “título garfado”<sup>4</sup> pela comunidade.



Figura 27: Desfile “Gosto que me Enrosco”, 1995  
Foto: Arquivo O Globo | Cezar Loureiro

### 2.1.5 Tempos de incertezas

Os anos 2000 e 2010 foram um tanto dissonantes para a Portela. Após tantas vitórias, é difícil narrar o quão decepcionantes foram essas décadas para os portelenses. No meio de tantas inovações e rápidas transformações, a Águia se mostrou antiquada em alguns momentos, ao não abraçar as novas propostas.

Até que ponto a preservação da tradição e das raízes pode ser levada de maneira tão inflexível?

---

<sup>4</sup> Título garfado é um termo usado popularmente para caracterizar um desfile que perdeu injustamente o campeonato.

Em 2004, a escola reedita o enredo de “Lendas e Mistérios da Amazônia”, sob a direção do carnavalesco Jorge Freitas. Um desfile muito aguardado, mas que foi julgado erroneamente pelo júri, segundo a comunidade. A escola não voltou a se apresentar no sábado das campeãs, se firmando no 7º lugar da disputa. No ano seguinte, uma tragédia marca o carnaval. Semanas antes das apresentações, algumas alegorias da escola são atingidas por um incêndio e, para completar, no dia do desfile, um problema técnico com as asas da Águia fez com que a alegoria entrasse na avenida incompleta. Além disso, para piorar a situação, algumas alas não desfilaram oficialmente, pois os portões foram fechados antes da escola acabar, para que não perdesse pontos por atraso de tempo. A Velha Guarda, os compositores e as crianças ficaram de fora do desfile. Foi, sem dúvidas, um desfile desastroso, resultando no pior resultado da história: 13ª colocação, ficando à frente apenas da Tradição, que foi rebaixada nesse ano.

No ano de 2006, a Portela volta a se reestruturar e melhorar seus resultados, construindo uma trajetória mais consistente. É a partir desse ano que começa a se abrir para certas modernizações, mas sem abandonar a experiência. Nesse ano também, conquistou a 7ª colocação, com o enredo “Brasil marca a tua cara e mostra para o mundo”. Em 2007, desceu uma posição, com o enredo “Os Deuses do Olimpo na terra do carnaval: uma festa dos esportes, da saúde e da beleza”, e 2008 sobe de novo para 4º lugar, com o enredo “Reconstruindo a natureza, recriando a vida: o sonho vira realidade”. Em 2009, a escola chega muito perto do campeonato, com o 3º lugar no enredo “E por Falar em Amor, Onde Anda Você?”, o melhor resultado em bastante tempo.



Figura 28: Águia da Portela no desfile de 2009, 2009  
Foto: Fábio Motta | AE

Os resultados que estavam agradando bastante à comunidade, voltaram a decair na década de 2010. O enredo “Derrubando fronteiras, conquistando a liberdade... Rio de paz, em estado de graça” não foi bem recebido pelos jurados e terminou em 9º lugar.

Em 2011, outro incêndio atingiu o barracão da escola, dessa vez, prejudicando também a Grande Rio e a União da Ilha. Por isso, a escola desfila *hour-concours*, com o enredo “Rio, azul da cor do Mar”, cujo trecho do samba, inclusive, nomeia essa monografia.

Lindo como o mar azul  
Meu grande amor, minha Portela  
A força do seu pavilhão vai me levar  
A navegar (Portela, 2011).

Os anos de 2012 e 2013 também não foram muito bons para a escola. Os desfiles estavam fracos, apesar de ambos pertencerem a uma boa safra de sambas-enredo. O primeiro falava sobre a Bahia, com “o povo na rua cantando... É feito uma reza, um ritual” (2012), e o segundo, ainda mais esperado e querido pela comunidade, sobre Madureira, nomeado de “Madureira... Onde o meu coração se deixou levar” (2013). Este por sua vez, se tornou mais uma grande decepção, pois não existiu um bom planejamento, muito menos investimento financeiro da parte da

escola. Vale ressaltar que os enredos emplacaram 6º e 7º lugares respectivamente, e somente Bahia (2012) desfilou nas campeãs.

No ano de 2014, finalmente ocorre uma mudança que impulsiona a escola de volta às primeiras colocações. Uma eleição realizada naquele ano, reestrutura a equipe de carnaval e gestão da Portela. Nessa nova leva, uma nova presidência assume, e o carnavalesco Alexandre Louzada é contratado, desenvolvendo o enredo: “Um Rio de mar a mar: do Valongo à Glória de São Sebastião” (2014), que marca o início de uma série de enredos sobre o mar e o Rio de Janeiro na escola. No ano seguinte, ainda com Louzada, a escola celebrou os 450 anos da cidade, com o enredo: “ImaginaRio, 450 janeiros de uma cidade surreal” (2015), que conquistou o 5º lugar.



*Figura 29: Águia da Portela no desfile das campeãs de 2014, 3º colocado na disputa, 2014  
Foto: Marcelo Regua | Riotur*

Ainda aproveitando a boa fase, o carnaval se inicia com mudanças: o carnavalesco Alexandre Louzada é substituído por Paulo Barros, que elabora os desfiles de 2016 e 2017. Na apresentação de 2016, o tema era “No voo da Águia, uma viagem sem fim...” e mais uma vez, entregou resultados satisfatórios, com o 3º lugar na disputa. Já em 2017, o ano ganhou um espaço agridoce na memória dos Portelenses. No ano anterior, a escola estava estremecida, após o assassinato do presidente Marcos Falcon, uma figura muito querida pela comunidade. Por isso, foi

muito mais especial a vitória da disputa de 2017. Com o enredo “Quem Nunca Sentiu o Corpo Arrepiar ao ver esse Rio passar...”, o jejum de 34 anos se encerra e a Portela entra em festa.



*Figura 30: A tradicional águia e o abre-alas luxuoso do desfile de 2017, 2017  
Foto: Pilar Olivares | El País*

A escola contou na avenida sua própria história, através de um rio que corre pela passarela do samba. Reconta a história dos rios, a misticidade que ronda as águas e toda a vida em torno desse ecossistema. Foi um desfile impecável e merecedor de títulos com toda a certeza. Na Quarta-Feira de Cinzas, no fim da apuração, a quadra já estava cheia de torcedores e naquela noite, nenhum assunto em Madureira era maior do que a vitória da Portela.



*Figura 31: Quadra da Portela após a apuração dos desfiles, 2017  
Foto: Marcos Arcoverde | Estadão*

Em 2018, a veterana de carnavais Rosa Magalhães assume a escola e desenvolve o enredo “De repente de lá pra cá e dirrepente de cá pra lá” (2017), narrando a vinda dos imigrantes judeus, que, fugidos da Europa, vieram para Pernambuco. Foi muito bem acolhido pelos jurados, que conferiram a 4ª colocação da disputa para a Portela.

Já em 2019, houveram alguns questionamentos acerca da escolha do enredo — “Na Madureira moderníssima, hei sempre de ouvir cantar uma Sabiá” (2019) — proposto pela carnavalesca. Ao relacionar duas figuras emblemáticas, Tarsila do Amaral — artista modernista da década de 1922 — e Clara Nunes, o tema acabou sendo motivo de insatisfação, uma vez que a comunidade portelense esperava uma homenagem apenas a Clara. O enredo também não foi entendido muito bem, acredito que pelo apelo academicista que a carnavalesca inseriu. Por isso, houve certa aversão a apresentação, que, apesar dos pesares, também conquistou os jurados e desfilou como 4ª colocada no sábado das campeãs.



*Figura 32: Carro de Pernambuco no desfile de 2018, 2018  
Foto: Juliana Dias | SRzd*



Figura 33: Marlon Lamar e Lucinha Nobre fantasiados de Águia e Clara Nunes respectivamente, 2019  
Foto: Gabriel Nascimento | Riotur

Porém, apesar dos bons resultados, no carnaval de 2020, Rosa Magalhães deixa a escola e o casal Renato e Márcia Lage assumem a Portela. Nos 3 anos que foram responsáveis pelo carnaval, de 2020 a 2023<sup>5</sup>, o desempenho da escola volta a cair. Sendo os enredos “Guajupιά, Terra sem Males” (2020), 7º colocado, “Igi Osè Baobá” (2022), 5º colocado e o mais preocupante de todos, “O azul que vem lá do infinito” em 10ª colocação, a pior desde 2005. Justamente no ano do centenário da Portela.

Nesse último, além de frustrante, o desfile foi uma sucessão de tristezas. Além das alegorias pobres, a escola perdeu pontos em harmonia devido ao imenso buraco na frente da cabine de jurados. A avenida molhada também contribuiu para que a Porta-bandeira Lucinha Nobre escorregasse, perdendo mais alguns pontos. O clima era de tensão total e foi muito triste ver a Portela executar um desfile tão ruim em uma data tão emblemática.

---

<sup>5</sup> Em 2021 não houveram desfiles, pois ainda estávamos com restrições da pandemia do Covid-19.



Figura 34: Abre-alas do desfile de 2023, 2023  
Foto: Ismar Ingber | Riotur

## 2.2 Madureira, reduto do samba

É impossível falar de Portela sem mencionar Madureira: o reduto do samba. A história da escola está diretamente ligada ao bairro e vice-versa. Em sua dissertação de mestrado, Martins Júnior (2012) defende que existe uma relação de vantagem mútua entre a agremiação e o local, sendo a escola um símbolo de Madureira e o bairro um símbolo da escola. Também cita:

[...] a história das escolas de samba está vinculada ao lugar, no caso o bairro ou então uma localidade. As agremiações reforçam, portanto, um forte sentimento de pertencimento quando elas se autodenominam como representantes dos bairros ou das favelas onde se localizam (Martins Junior, 2012).

Segundo Martins Júnior (2012), esse vínculo criado entre as instituições de samba e o subúrbio, é nutrido a partir de uma simbiose<sup>6</sup>, uma vez que “a Portela é um dos símbolos que representam e constroem uma das identidades de Madureira”, enquanto Madureira faz parte da identidade social da Portela. Logo, um está diretamente relacionado ao outro. Em pesquisa realizada em

---

<sup>6</sup> Segundo o dicionário Aurélio (2002), simbiose é a relação mutuamente vantajosa, onde dois organismos diferentes são beneficiados por uma associação. A simbiose entre dois elementos, portanto, leva a vantagens recíprocas e faz com que esses dois elementos se caracterizem como parte um do outro. (Martins Junior, 2003)

campo, ele relata que a maior parte dos entrevistados afirma que a importância de Madureira para a Portela é a localização, já que o bairro é muito frequentado. Já o contrário, quando se trata da importância da Portela para Madureira, a resposta é sobre o tradicionalismo da agremiação e a cultura do samba no bairro que trazem a visibilidade necessária para lá.

Apesar de todas as transformações pelas quais as escolas de samba passaram, continuam sendo representações dos locais onde estão situadas, e é possível dizer que a Portela é uma das representações de Madureira, pois dá visibilidade ao bairro, assim como faz com que uma das identidades muito comum sejam dadas ao bairro suburbano da Central, seja de “espaço de samba”. Sendo a Portela uma das representações desse lugar, ela dota esse espaço de significado, porque essa é uma das funções das representações, por símbolos e esses símbolos e os símbolos da Portela são símbolos de Madureira, unindo o local ao lugar, pois todos os objetos simbólicos que estão diretamente vinculados a agremiação azul e branco vão estar vinculados ao bairro do subúrbio carioca (Martins Junior, 2012).

Para entender melhor essa relação que o autor define como simbiótica, é preciso pesquisar mais sobre a origem de Madureira.

Atualmente o bairro é localizado onde antigamente era a Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação Irajá, local muito próspero, cujos engenhos representavam grande parte da movimentação financeira da cidade. Com o fim da escravidão, esses latifúndios começaram a enfrentar crises financeiras e foram repartidos entre as pessoas mais pobres, vindas principalmente de outros engenhos e outros estados, como Minas Gerais.

Assim como no surgimento do samba e da Portela, o desenvolvimento de Madureira se ampliou com o movimento de transferência da população do para os subúrbios, já que o Centro da cidade passava por uma reforma profunda, de cunho elitista. É nesse momento também, que o samba é desenvolvido por aqui, e logo se torna um dos produtos mais notáveis de Madureira, junto com a Portela. Ribeiro (2003), faz uma associação interessante entre o deslocamento dos negros para o subúrbio e o desenvolvimento do ritmo. Para ela, a cultura territorial não foi

abandonada com o deslocamento dessas pessoas, mas trazida simbolicamente para cá.

[...]Se o espaço se desloca geograficamente, os seus habitantes o transportam simbolicamente para onde vão. “Isso tem a ver com a própria ‘cultura de Arkhé’, para a qual o espaço fundiário adquire outra conotação. Mais forte do que a territorialidade física, é a energia que dela emana (axé) capaz de unir e irmanar os seus membros” (SODRÉ, 1988; VELLOSO, 1990).

Já no século XX, com a chegada da linha do trem, o aumento dos moradores e a popularização das escolas de samba, o mercado madureirense cresce, se tornando rentável e transformando o bairro em um ponto de encontro da Zona Norte do Rio de Janeiro.



Figura 35: Mercadão de Madureira, um dos pontos de comércio mais conhecidos do bairro, 2015

Foto: Diário do Rio

Em pesquisa realizada por Ribeiro (2003), “Madureira foi apontado como o [bairro] mais movimentado em termos de lazer no subúrbio do Rio de Janeiro”. Apesar do espaço de tempo entre a pesquisa e a época atual, o resultado ainda é muito relevante, visto que vinte anos depois, ainda sedia grandes eventos de entretenimento, seja no Charme, nos bailes ou no parque de Madureira. A pesquisa ainda aponta os ensaios frequentes das escolas de samba — Portela e Império — como fontes de recreação tradicionais do bairro.

É importante ressaltar que no Rio de Janeiro, os núcleos de cultura e lazer estão majoritariamente concentrados nas Zonas Central e Sul da cidade, o que dificulta muito o acesso de pessoas pobres e de baixa renda à diversão. Além disso, a própria mobilidade urbana isola os moradores da Zona Norte, Baixada e Zona Oeste a esses espaços, já que o deslocamento é caro e demorado, como afirma Rafaela Albergaria, para entrevista ao Jornal Estadão:

A gente vê esse empecilho no preço das passagens e nos horários em que os veículos são oferecidos”, diz Rafaela. “Quem pega trem não pega só o trem. Na maioria das vezes, usa metrô e ônibus também. E esse custo elevado limita a circulação dessas pessoas nos bairros que têm alto padrão de vida e de lazer, como a região praiana do Rio de Janeiro”, explica (Freitas, 2022).

Por isso, Madureira se traduz tão relevante no contexto cultural. Além da raiz sambista e da importância para a Portela, o bairro é um polo de lazer gratuito e/ou barato, de qualidade, para a população mais pobre.



*Figura 36: Ensaio de rua do G.R.E.S. Portela realizado na Intendente Magalhães, Madureira, 2014  
Foto: J Ricardo | O Globo*

Então, é correto afirmar que a importância de Madureira é enorme, tanto no cenário cultural, quanto no socioeconômico, uma vez que por intermédio das escolas de samba fornece lazer para a população dos arredores e movimentada o comércio local.

Salve a velha guarda, os frutos da jaqueira  
Oswaldo Cruz e Madureira  
navega a barqueada, aos pés da santa em louvação  
para mostrar que na Portela o samba é religião

O perfume da flor é seu  
um olhar marejou sou eu  
quem nunca sentiu o corpo arrepiar  
ao ver esse rio passar

(Portela, 2017).

### 3. Os melhores sambas-enredos de todos os tempos

#### 3.1 Pesquisa e resultados da pesquisa

Antes de iniciar o processo de escrita dessa monografia, criei um formulário online, a fim de entender melhor a comunidade portelense e suas motivações. Além disso, o outro objetivo era elencar os melhores sambas-enredos, na opinião da comunidade e como funcionaria a receptividade dos membros caso um livro de design pudesse ser lançado.



Figura 37: Print de tela da interface da pesquisa  
Foto: Autoria pessoal

Para a construção desse questionário, foram feitas as seguintes perguntas:

- 1-Para você, ser portelense é...?
2. Na sua opinião, qual foi o enredo mais importante da história da escola?
3. Qual seu enredo preferido da Portela?
- 4-Qual a sua memória mais marcante e especial que envolva a escola?
- 5-Qual seria a sua opinião caso um livro sobre os enredos portelenses pudesse ser lançado?

Ao todo, 39 pessoas interagiram com o questionário e as respostas foram muito satisfatórias. A partir dessas pude construir algumas páginas do projeto gráfico dedicadas ao amor Portelense e começar a escolher alguns dos 8 enredos que entrariam no livro. Todas as respostas podem ser observadas no APÊNDICE A.

## 3.2 Importância e por que das escolhas

Como dissertado em capítulos anteriores, a escolha dos enredos e desfiles que serão abordados são uma junção das respostas do formulário, minhas pesquisas sobre a escola e meus gostos pessoais. Após estudar a história da Portela, cheguei à conclusão de que não existem histórias isoladas que possam representar a escola, já que cada tema possui sua relevância na linha do tempo e influência sobre a narrativa. Porém, é possível definir aquelas que possuem maior prestígio: seja pelo título, pela inovação ou pela memória afetiva.

São os escolhidos:

1. Teste ao Samba, 1939;
2. Memórias de um Sargento Milícias, 1966;
3. Lendas e Mistérios da Amazônia, 1970 | 2004;
4. Contos de Areia, 1984;
5. ImaginaRio, 450 janeiros de uma cidade surreal, 2015;
6. Quem nunca sentiu o corpo arrepiar ao ver esse Rio passar..., 2017;
7. Na Madureira moderníssima, hei sempre de ouvir cantar uma Sabiá, 2019;
8. O azul que vem lá do infinito, 2023.

Abaixo, disserto individualmente sobre eles e justifico a fundo, cada tema que foi escolhido para ilustrar o livro.

### 3.2.1 Teste ao Samba

Teste ao samba é o primeiro desfile com samba-enredo que existiu. Dentre todas as inovações que a Portela já criou, acredito ser essa a mais impactante para o futuro das escolas de samba.

Depois de um tempo sem se dedicar integralmente à Portela, Paulo da Portela cria uma apresentação que revoluciona as apresentações de carnaval dali em diante. Desde a composição do samba, passando pela harmonia e definição do

tema, em “Teste ao Samba” (1939), seu Paulo desafiou os padrões e produziu uma escola estruturada, com fantasias padronizadas, alegorias e blocos de alas que combinassem com o samba-enredo, feito nunca visto nos desfiles.

O próprio sambista veio na comissão de frente, fantasiado de Professor, referenciando seu apelido e brincando com o nome “escola de samba”. O desfile se passava em um ambiente acadêmico, com a primeira alegoria sendo um enorme quadro negro com os dizeres: “Prestigiar e amparar o samba, música típica e original do Brasil, e incentivar o povo brasileiro”, os foliões desfilaram com fantasias luxuosas, feitas de cetim e lamê, enquanto a comissão de frente distribuiu diplomas aos seus alunos: público e comissão julgadora, que gostou muito da ousadia de Paulo. O samba-enredo foi uma composição de Paulo e narra uma experiência de sala de aula do carnaval, como se a Portela estivesse às ruas para ensinar a desfilarmos:

Vou começar a aula  
Perante a comissão  
Muita atenção! Eu quero ver  
Se diplomá-los posso  
Salve o fessor  
Dá nota a ele senhor  
Quatorze com dois, doze  
Noves fora tudo é nosso

Cem divididos por mil  
Cada um com quanto fica?  
Não pergunte à caixa surda  
Não peça cola à cúica

Lá no morro  
Vamos vivendo de amor  
Estudando com carinho  
O que nos passa o professor (Portela, 1939).

Ficha técnica:

Data: 9 de fevereiro de 1939;

Local: Praça XI;

Carnavalesco<sup>7</sup>, diretor de harmonia, e autor do enredo: Paulo Benjamin de Oliveira;

1º casal de mestre-sala e porta-bandeira: Dodô e Manuel Bam Bam Bam;

Resultado: Campeã.

Infelizmente, não existem registros acessíveis desse momento, mas é inegável a importância de 1939 para a história da Portela e do samba.

### 3.2.2 Memórias de um Sargento Milícias

No ano de 1966, a Portela desenvolveu um enredo baseado no livro “Memórias de um Sargento Milícias” (Almeida, 1854). O samba-enredo, — que foi o primeiro e único escrito por Paulinho da Viola —, retratou as situações românticas de Leonardo, o sargento de milícias. Durante o desfile, a escola apresentou o Canal do Mangue, local onde se passa a história e trouxe elementos importantes para a narrativa nas fantasias, nas alegorias e nas alas. O desfile foi embalado pela voz da intérprete Surica, que animou os foliões junto com a bateria, as baianas e os assistentes da escola. Cito abaixo um trecho do samba-enredo:

Era no tempo do rei  
Quando aqui chegou  
Um modesto casal  
Feliz pelo recente amor  
Leonardo, tornando-se meirinho  
Deu a Maria Hortaliça um novo lar  
Um pouco de conforto e de carinho  
Dessa união nasceu um lindo varão  
Que recebeu o mesmo nome de seu pai  
Personagem central da história  
Que contamos neste carnaval  
Mas um dia Maria  
Fez a Leonardo uma ingratidão  
Mostrando que não era uma boa companheira  
Provocou a separação

---

<sup>7</sup> Em 1939, o termo “carnavalesco” ainda não havia sido cunhado de forma efetiva, porém utilizo-me de liberdade poética para atribuir à Paulo as escolhas de plasticidade do desfile, assim como constam as fontes oficiais.

Foi assim que o padrinho passou  
A ser do menino tutor  
A quem deu imensa dedicação  
Sofrendo uma grande desilusão  
Outra figura importante de sua vida  
Foi a comadre parteira popular  
Diziam que benzia de quebranto  
A beata mais famosa do lugar  
Havia nesse tempo aqui no Rio  
Tipos que devemos mencionar  
Chico Juca era mestre em valentia  
E por todos se fazia respeitar  
O reverendo, amante da cigana  
Preso pelo Vidigal, o justiceiro  
Homem de grande autoridade  
Que à frente dos seus granadeiros  
Era temido pelo povo da cidade  
Luizinha, primeiro amor  
Que Leonardo conheceu  
E que dona Maria

A outro como esposa concedeu  
Somente foi feliz  
Quando José Manuel morreu  
Nosso herói outra vez se apaixonou  
Quando sua viola a mulata Vidinha  
Esta singela modinha contou:  
Se os meus suspiros pudessem  
Aos seus ouvidos chegar  
Verias que uma paixão  
Tem poder de assassinar (Viola, 1966)

Ficha técnica:

Data: 20 de fevereiro de 1966;

Local: Candelária;

Carnavalesco, e autor do enredo: Nelson de Andrade;

1º casal de mestre-sala e porta-bandeira: Vilma Nascimento e Benício;

Resultado: Campeã.

A escolha desse enredo é pela importância de Paulinho da Viola, uma vez que foi o único escrito por ele para a Portela. O compositor, que tem a autoria de inúmeros sambas-exaltação para a escola — incluindo a famosa “Foi um Rio que

Passou em Minha Vida” (1970) —, é um grande baluarte e muito querido pela comunidade.

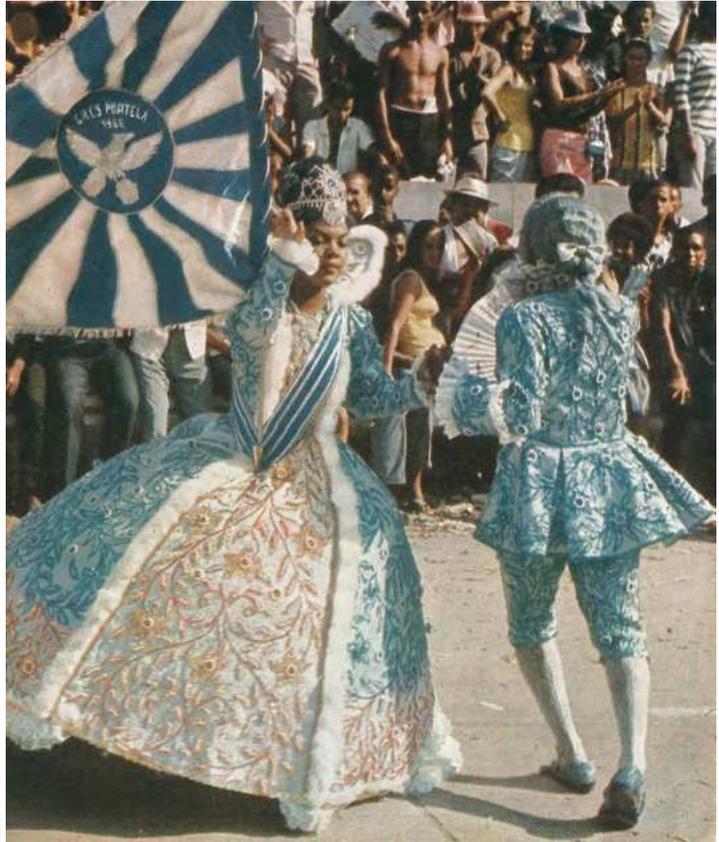


Figura 37 (à esquerda): Maria Lata D'Água, passista da Portela, 1966

Foto: Paulo Namorado | Flickr

Figura 38 (à direita): Vilma Nascimento no desfile de 1966

Foto: Paulo Namorado | Flickr



*Figura 39 (à esquerda): Trio de passistas, 1966  
Foto: Acervo Portelense*

*Figura 40 (à direita): Desfile de 1966, 1966  
Foto: Acervo Portelense*

### **3.2.3 Lendas e Mistérios da Amazônia**

O enredo “Lendas e Mistérios da Amazônia” (1970) é um dos mais conhecidos e aclamados da Portela. Para mensurar seu prestígio, é importante ressaltar que foi reeditado em 2004, ano em que a Liga Independente das Escolas de Samba completou 20 anos e sugeriu que para a comemoração, as escolas pudessem reeditar enredos próprios. Para contemplar as duas edições, separei abaixo a apresentação, em 2 blocos.

#### **3.2.3.1 Lendas e Mistérios da Amazônia, 1970**

O desfile de Clóvis Bornay e Arnaldo Pederneiras causou grande emoção ao público. A Portela entrou na Av. Presidente Vargas pela manhã, aos gritos de “Já ganhou” da plateia, que em um feito raro naquela época, viu uma apresentação inteiramente dedicada à homenagem dos povos indígenas e da Amazônia.

A escola desfilou apresentando blocos de lendas indígenas, a religiosidade e a beleza da Amazônia.

Demonstrava em seu carnaval a bravura das famosas mulheres guerreiras, representada por uma das mais belas alegorias. Alegorias que foram um dos pontos altos da apresentação, mostrando desde a religiosidade indígena, através de Tupã, até a lenda do Saci-Pererê, imortalizada nos escritos de Monteiro Lobato.

O sol fazia par com a lua, interpretados respectivamente pelos destaques Marcos Batalha e Vilma Nascimento, que desde o ano anterior não desfilava como porta-bandeira. Clóvis Bornay, autor do enredo, vestia uma riquíssima fantasia de diamante azul, e compartilhava com Odila de Assis a condição de primeiros destaques. Sandra Regina "Flores da Amazônia", Arildo Fonseca "Pajé" e Silvia Silva "Iracema" foram outros importantes personagens da escola, que teve seu desfile sustentado por 200 ritmistas vestidos de índios (Portela Web, S\D).

Além disso, foi o último ano em que Natal assumiu a escola e desfilou pela Azul e Branco, deixando a vitória ainda mais especial para a comunidade. Abaixo, insiro o samba-enredo:

Nesta avenida colorida  
A Portela faz seu carnaval  
Lendas e mistérios da Amazônia  
Cantamos neste samba original  
Dizem que os astros se amaram  
E não puderam se casar  
A lua apaixonada chorou tanto  
Lua apaixonada chorou tanto  
Que do seu pranto nasceu o rio-mar  
E dizem mais  
Jaçanã, bela como uma flor  
Certa manhã viu ser proibido o seu amor  
Pois o valente guerreiro  
Por ela se apaixonou  
Foi sacrificada pela ira do Pajé  
E na vitória-régia  
Ela se transformou  
Quando chegava a primavera  
A estação das flores  
Havia uma festa de amores  
Era tradição das amazonas  
Mulheres guerreiras  
Aquele ambiente de alegria  
Terminava ao raiar do dia  
Ô skindô lalá  
Ô skindô lelê  
Ô skindô lalá  
Ô skindô lelê

Olha só quem vem lá  
É o saci pererê (Catoni, Jabolô e Valtênir, 1970).

Ficha técnica:

Data: 08 de fevereiro de 1970;

Local: Candelária;

Carnavalesco e autor do enredo: Clóvis Bornay e Arnaldo Pederneiras;

Presidente: Armando Passos;

Direção de bateria: Mestre Betinho;

1º casal de mestre-sala e porta-bandeira: Irene e Zequinha;

Resultado: Campeã.



Figura 41 (à esquerda): Carro com representação indígena, 1970

Foto: Geraldo Violo | Wikimedia Commons

Figura 42 (à direita): Passista da Portela, 1970

Foto: Paulo Namorado | Flickr



Figura 43 (à esquerda): Ala de ritmistas, 1970

Foto: Paulo Namorado | Flickr

Figura 44 (à direita): Baiana, 1970

Foto: Paulo Namorado | Flickr

### 3.2.3.2 Lendas e Mistérios da Amazônia, 2004

No desfile de 2004, o carnavalesco Jorge Freitas decide acrescentar mais 4 lendas ao enredo, sendo elas as 3 originais — Sol e Lua, Vitória Régia e Amazonas— e mais 4 inéditas — Lenda do Eldorado, Reino da Cobra Grande, Lenda do Boto e Uirapuru.

Nesse ano, as esculturas foram feitas por Mestre Jair, famoso artista de Parintins, que ao se mudar para o Rio, encantou-se com o enredo e criou as esculturas junto ao filho, Jair Filho. Assim como em 1970, a Portela também desfilou pela manhã, e, prevendo o sol, o carnavalesco criou fantasias coloridas e alegres, que pudessem ser privilegiadas pela luz do dia. O samba-enredo foi o mesmo de 34 anos atrás, mas dessa vez interpretado por Gera, grande intérprete.

Esse enredo em especial, por mais que não tenha conquistado o campeonato na última apresentação, é muito popular não somente entre portelenses, mas dentre toda a comunidade do samba, sendo lembrado em rodas de samba e eventos musicais.

Ficha técnica:

Data: 22 de fevereiro de 2004;

Local: Marquês de Sapucaí;

Carnavalesco e autor do enredo: Jorge Freitas;

Presidente: Carlos Teixeira Martins;

Direção de carnaval: Marcos Aurélio Fernandes;

Direção de harmonia: Mário Cláudio Moraes;

Direção de bateria: Mug da Portela;

Rainha de bateria: Edicléia Neves;

1º casal de mestre-sala e porta-bandeira: Cristiane Caldas e Fabrício;

Resultado: 7º lugar.

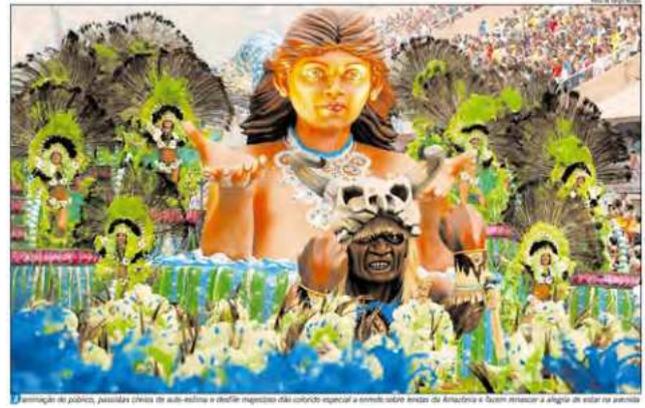


Figura 45: (à esquerda): Carro da Cobra Grande, 2004  
Foto: Galeria do Samba

Figura 46 (à direita): Carro da Vitória Régia, 2004  
Foto: Galeria do Samba



Figura 47 (à esquerda): Carro da Índia que chorava, 2004  
Foto: Galeria do Samba

Figura 48 (à direita): Abre-alas com a águia dourada, simbolizando a lenda do Eldorado  
Foto: Andre Telles | Wikimedia Commons



### **3.2.4 Contos de Areia**

Em 1984, a Portela presenteia o mundo do carnaval com “Contos de Areia”.

O desfile, que homenageou Paulo da Portela, Natal e Clara Nunes na inauguração do sambódromo, é canônico para todo portelense. Não existe evento da escola que esse samba não esteja presente, muito menos ocasião que não seja lembrado.

Para essa apresentação, os carnavalescos Edmundo Braga e Paulino Espírito Santo, associam as figuras dos homenageados aos três Orixás protetores da escola: Oranian, Oxóssi e Iansã. Para o desfile, a escola foi dividida em 4 momentos, nos quais:

1. Conexão do conto de Oranian, senhor da vida e da morte, criador do céu, do mar e da Terra com Paulo da Portela, fundador da Portela, criador da majestade do samba;
2. Conexão do conto de Oxóssi, protetor dos homens e da mata, dominou os espaços para que a criação se perpetuar, com Natal, patrono da escola e protetor da águia;
3. Conexão do conto de Iansã, guerreira que rasgou o tempo e cantou suas glórias e vitórias com Clara Nunes, sambista que defendeu a escola e levou as tradições e exaltações para o Mundo;
4. A união dos ABC's, que criou a Portela.

Na sinopse do enredo, os carnavalescos também explicam o nome escolhido:

[...] e estava escrito. Quando o beato Padre Anchieta escreveu o poema sobre a virgem santíssima nas areias da beira mar, estava sem dúvida compondo também um canto de louvor a Yemanjá, pois nessa terra o sincretismo religioso e a miscigenação já eram uma decisão do criador. Com os negros cativos no banzo da saudade, viajaram nos caminhos do medo e da humilhação os orixás mais temíveis e amados para renascerem em terra casta nos filhos dos seus filhos, e na dinastia de "Reis Negros" para serem perpetuados em ritos-mitos e dengos. E hoje mesmo que as águas das marés do tempo cubram de espuma o mito de cada um de nós escrito nas areias da praia gravado ficará para sempre na memória dos espaços infinitos os nossos CONTOS DE AREIA (Braga, Espírito Santo, 1984).

O desfile aconteceu sem percalços e foi aclamado pelos foliões presentes. Além do enredo de cunho afro, os mistérios da Portela também foram abordados. A tradicional águia veio submergindo das águas, nascendo para o mundo. Criação e criatura. O samba-enredo foi composto por Dedé da Portela e Norival Reis e interpretado na avenida por Silvinho da Portela. Abaixo transcrevo a letra:

Bahia é um encanto a mais  
Visão de aquarela  
E no ABC dos orixás  
Oranian é Paulo da Portela  
Um mundo azul e branco  
O Deus negro fez nascer  
Paulo Benjamim de Oliveira  
Fez esse mundo crescer

Okê, okê Oxossi  
Faz nossa gente sambar  
Okê, okê Natal  
Portela é canto no ar

Jogo feito, banca forte  
Qual foi o bicho que deu?  
Deu Águia, símbolo da sorte  
Pois vintes vezes venceu

É cheiro de mato  
É terra molhada  
É Clara Guerreira  
Lá vem trovoadas

Epa-hei! lansã Epa-hei!

Na ginga do estandarte  
Portela derrama arte  
Neste enredo sem igual  
Faz da vida poesia  
E canta sua alegria  
Em tempo de carnaval. (Portela; Reis, 1984)

Nesse ano, a competição foi diferente. Haveria uma campeã para cada dia de desfile e uma Supercampeã que representaria os dois dias. A Portela venceu o campeonato de domingo, dia de seu desfile, e a Mangueira o de segunda. Na disputa do Supercampeonato, perdeu para a Mangueira, e ficou em 2º lugar.

Ficha técnica:

Data: 03 de março de 1984;

Local: Marquês de Sapucaí;

Carnavalesco e autor do enredo: Edmundo Braga e Paulino Espírito Santo;

Presidente: Carlos Teixeira Martins;

Direção de bateria: Mestre Marçal;

Rainha de bateria: Luíza Brunet;

1º casal de mestre-sala e porta-bandeira: Regina e Paulo Roberto;

Resultado: Campeã do Grupo 1A e 2ª Colocada no Supercampeonato.



Figura 53 (à esquerda): Comissão de Frente com a Velha Guarda, 1984  
Foto: Acervo Portelense

Figura 54 (à direita): Alas do desfile de 1984, 1984  
Foto: Armando Borges | Flickr



Figura 55 (à esquerda): Mestre Sala e Porta-Bandeira, 1984  
Foto: Acervo Portelense

Figura 56 (à direita): Águia que abriu o desfile de 1984, 1984  
Foto: Armando Borges | Flickr

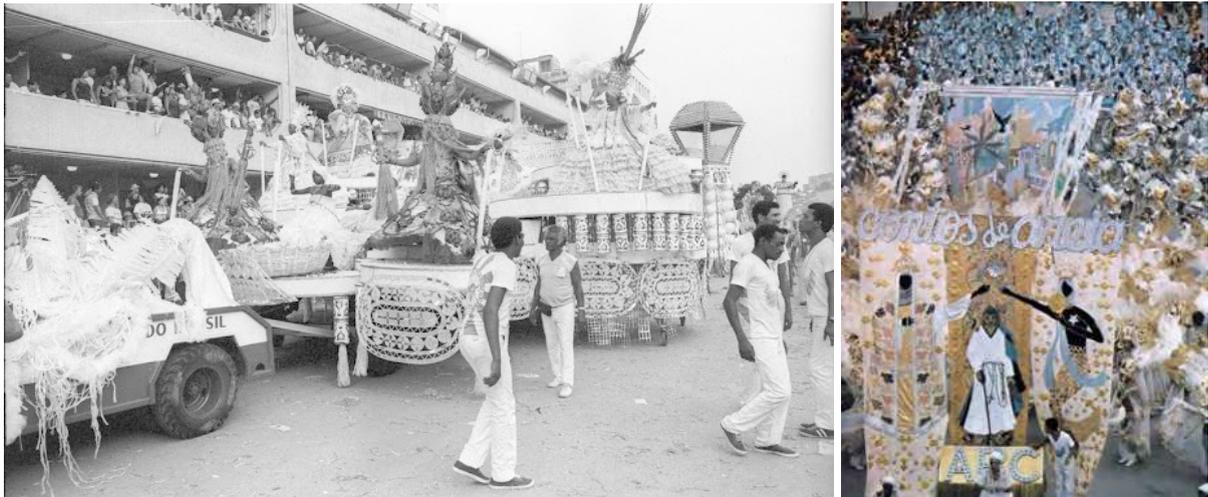


Figura 57 (à esquerda): Carro alegórico de Orixás, 1984  
Foto: Acervo Portelense

Figura 58 (à direita): Tripé do desfile de 1884, 1984  
Foto: Armando Borges | Flickr

### 3.2.5 ImaginaRio, 450 janeiros de uma cidade surreal

Em 2015, a nova gestão da Portela estava sendo muito bem aceita pela comunidade e a escola desde o ano anterior, 2014, estava entregando resultados muito bons, de um jeito que não fazia há um tempo.

Para o enredo deste ano, o carnavalesco Alexandre Louzada propôs uma homenagem aos 450 anos do Rio de Janeiro. A escola, que tradicionalmente costuma falar da cidade em seus enredos, foi muito coerente com a escolha da homenagem. Uma combinação que desde o início poderia dar certo. E assim se fez. A abordagem de Louzada foi surrealista, convidando o público a conhecer a visão de Salvador Dalí sobre a cidade. Uma curiosidade sobre esse enredo é que todo o processo de estruturação desse carnaval foi documentado por Nelson Hoineff, no documentário 82 minutos.

No dia do desfile, inúmeros pontos tornaram a apresentação tão memorável. Logo no início, paraquedistas aterrissaram na Sapucaí, dando início ao espetáculo da escola. Além disso, assim como no ano anterior, *drones* de águia apresentam a escola. O abre-alas, foi um espetáculo à parte: a águia estava caracterizada de Cristo

Redentor, se tornando então a “Águia redentora”, que assim como o monumento, abraçou o desfile e a homenagem ao Rio. A comissão de frente simbolizava o encontro de Dalí com Alexandre Louzada nos locais mais famosos do Rio de Janeiro, e no final, no telão do tripé, homenageou Tia Dodô, falecida pouco antes daquele carnaval.

Durante todo o tempo da apresentação, a Portela contemplou a história do Rio de Janeiro através de uma apresentação leve e muito imaginativa. Todo o conjunto animou o público e levantou as arquibancadas. Foi o melhor desfile que a escola já realizou em tempos, por isso, o título era tão aguardado em 2015. Infelizmente, não aconteceu.

O samba-enredo foi composto por Noca da Portela, Celso Lopes, Charles André, Vinicius Ferreira e Xandy Azevedo e interpretado por Wantuir, Richahs, Rogerinho e Cremilson:

Oh meu Rio  
a água vem te abraçar e festejar  
"feliz cidade" sem igual  
paraíso divinal

E eu "daqui" feito "Dali"  
em traços te retrato surreal

A natureza lhe foi generosa  
na Guanabara "formosa mulher"  
despertou cobiça, beleza sem fim  
"delícias" de um "nobre jardim"

Eu vi o "Menino do Rio" versar  
um lindo poema  
para impressionar a "Princesinha do Mar"  
sonhando com a "Garota de Ipanema"

Vem amor, a Lapa dá o "tom" pra boemia  
vem amor, a nave da emoção nos contagia  
lá vem o trem chegando com o povo do samba  
lá vai viola, o batuque só tem gente bamba  
tão bela! orgulhosamente a Portela  
vem cantar em seu louvor ô ô ô ô  
"Central" do meu brasil inteiro  
morada do Redentor

Sou carioca, sou de Madureira  
a Tabajara levanta poeira  
pra essa festa maneira meu bem me chamou  
lá vem Portela malandro, o samba chegou (Portela, et al, 2015).

Ficha técnica:

Data: 16 de fevereiro de 2015;

Local: Marquês de Sapucaí;

Carnavalesco: Alexandre Louzada;

Autor do enredo: Alexandre Louzada e Luiz Carlos Bruno;

Presidente: Serginho Procópio;

Direção de carnaval: Luiz Carlos Bruno;

Direção de harmonia: Luiz Carlos Bruno, Leandro Germano, Washington Jorge  
e Jorge Pitanga;

Direção de bateria: Nilo Sérgio;

Rainha de bateria: Patrícia Nery;

1º casal de mestre-sala e porta-bandeira: Danielle Nascimento e Alex Marcelino;

Resultado: 5ª Colocada.



Figura 92 (à esquerda): Carro alegórico com escultura da “Águia redentora, 2015

Foto: Nate Clicks | Wikimedia Commons

Figura 93 (à direita): Ala das Baianas, 2015

Foto: Marcelo Mello | Wikimedia Commons



Figura 94 (à esquerda): Drone da águia, 2015

Foto: Tânia Rêgo | Agência Brasil

Figura 95 (à direita): Detalhe de carro alegórico, 2015

Foto: Tânia Rêgo | Agência Brasil



Figura 96 (à esquerda): Desfilante, 2015

Foto: Tânia Rêgo | Agência Brasil

Figura 97 (à direita): Paraquedista aterrissa na Sapucaí para abrir o desfile da Portela, 2015

Foto: Gabriel Santos | Riotur



Figura 98 (à esquerda): Detalhe de carro alegórico, 2015

Foto: Marco Antônio Cavalcanti | Riotur

Figura 99 (à direita): Comissão de frente, 2015

Foto: Gabriel Santos | Riotur



Figura 100 (à esquerda): Extensão da escola na Sapucaí, 2015

Foto: Marco Antonio Cavalcante | Riotur

Figura 101 (à direita): Extensão da escola na Sapucaí, 2015

Foto: Marco Antonio Cavalcante | Riotur

### 3.2.6 Quem nunca sentiu o corpo arrepiar ao ver esse Rio passar...

Em 2017, o carnavalesco Paulo Barros, inspirado pela canção “Foi Um Rio Que Passou em Minha Vida” de Paulinho da Viola, propõe o enredo “Quem nunca sentiu o corpo arrepiar ao ver esse rio passar...”. O tema, que contemplava a história dos rios e da humanidade que se construiu ao redor dessas águas, também narrou sobre as lendas e a importância do respeito à natureza, que serviu como fonte de inspiração para obras e civilizações.

O desfile ocorreu sem erros e a escola passou muito bem pelo sambódromo. Foi dividida em setores, nos quais abordou os “O passado é um presente do rio” — Que apresentou os berços das grandes civilizações: Rio Amarelo, Rio Ganges e Rio Nilo —, os “Seres do rio” — Lendas folclóricas como a Boiúna, a lara e o Boto cor-de-rosa —, a “Alma do rio” —Retratou a relação dos rios com as artes —, a “vida e morte ao longo do rio” — Sobre as populações ribeirinhas e aqueles que dependem dos rios para o sustento — e o “Meu coração se deixou levar” — Setor que referenciou a Portela. Alguns pontos altos devem ser ressaltados: A comissão

de frente, que inovou ao representar a piracema<sup>8</sup>, o carro alegórico sobre a tragédia de Mariana/MG, e a última alegoria, que fechou o desfile com a Velha Guarda e homenageou Marcos Falcon, presidente da escola, assassinado em outubro do ano anterior, 2016. O samba-enredo foi composto por Samir Trindade, Elson Ramires, Neyzinho do Cavaco, Paulo Lopita 77, Beto Rocha, Girão e J. Sales e interpretado por Gilsinho, que retornou à escola após 4 anos afastado:

Vem conhecer esse amor  
a levar corações através dos carnavais  
vem beber dessa fonte  
onde nascem poemas em mananciais  
reluz o seu manto azul e branco  
mais lindo que o céu e o mar  
semente, de Paulo, Caetano e Rufino  
segue seu destino e vai desaguar

A canoa vai chegar na aldeia  
alumia meu caminho, Candeia  
onde mora o mistério, tem sedução  
mitos e lendas do ribeirão

Cantam pastoras e lavadeiras pra esquecer a dor  
tristeza foi embora, a correnteza levou  
já não dá mais pra voltar (ô iaiá )  
deixa o pranto curar (ô iaiá)  
vai inspiração, voa em liberdade  
pelas curvas da saudade  
óh mãe, ora ye ye o  
vem me banhar de axé, ora ye ye o

É água de benzer, água pra clarear  
onde canta um sabiá

Salve a velha guarda, os frutos da jaqueira  
Oswaldo Cruz e Madureira  
navega a barqueada ,aos pés da santa em louvação  
para mostrar que na Portela o samba é religião

O perfume da flor é seu  
um olhar marejou sou eu  
quem nunca sentiu o corpo arrepiar  
ao ver esse rio passar (Trindade, *et al.*, 2017).

---

<sup>8</sup>Piracema é o fenômeno que ocorre entre novembro e fevereiro, no qual os peixes realizam um movimento contra a correnteza dos rios, chamado de subida, e viajam para encontrar locais ideais para reprodução.

Ficha técnica:

Data: 16 de fevereiro de 2015;

Local: Marquês de Sapucaí;

Carnavalesco: Paulo Barros;

Autor do enredo: Paulo Barros;

Presidente : Luiz Carlos Magalhães;

Direção de carnaval: Paulo Barros, Fábio Pavão, Moisés Carvalho e Claudinho

Portela;

Direção de harmonia: Comissão de Harmonia;

Direção de bateria: Nilo Sérgio;

Rainha de bateria: Bianca Monteiro;

1º casal de mestre-sala e porta-bandeira: Danielle Nascimento e Alex

Marcelino;

Resultado: Campeã.

Na Quarta-Feira de Cinzas, a escola respirou aliviada após a apuração. Depois de três décadas de jejum, a Portela venceu o campeonato, levando o troféu e a felicidade da vitória para Oswaldo Cruz e Madureira. Naquela noite, não haveria espaço para tristeza, somente para a comemoração do título. Um tempo depois, a Liga das Escolas de Samba decide reaver um erro de julgamento e concede o título também à Mocidade Independente de Padre Miguel, dividindo assim, o campeonato de 2017.



Figura 102 (à esquerda): Ala do desfile de 2017, 2017  
Foto: Fernando Grilli | Riotur  
Figura 103 (à direita): Componente de ala, 2017  
Foto: Fernando Frazão | Agência Brasil



Figura 104 (à esquerda): Carro alegórico, 2017  
Foto: Fernando Frazão | Agência Brasil  
Figura 105 (à direita): Componente de ala, 2017  
Foto: Fernando Frazão | Agência Brasil



Figura 106 (à esquerda): Detalhamento de ala, 2017  
Foto: Fernando Frazão | Agência Brasil  
Figura 107 (à direita): Componente de tripé, 2017  
Foto: Terry George | Wikimedia Commons



Figura 108 (à esquerda): Rainha de bateria, Bianca Monteiro, 2017

Foto: Terry George | Wikimedia Commons

Figura 109 (à direita): Comissão de frente, 2017

Foto: Terry George | Wikimedia Commons



Figura 110 (à esquerda): Carro alegórico, 2017

Foto: Terry George | Wikimedia Commons

Figura 111 (à direita): Componente de carro alegórico, 2017

Foto: Gabriel Monteiro | Riotur



Figura 112 (à esquerda): Detalhe de carro, 2017

Foto: Gabriel Monteiro | Riotur

Figura 113 (à direita): Componente de carro alegórico, 2017

Foto: Fernando Grilli | Riotur



Figura 114 (à esquerda): Mestre-sala e Porta-Bandeira, 2017

Foto: Fernando Grilli | Riotur

Figura 115 (à direita): Visão geral da escola, 2017

Foto: Fernando Grilli | Riotur



Figura 116: Comemoração do título em Madureira, 2017

Foto: Fernando Frazão | Agência Brasil

### 3.2.7 Na Madureira moderníssima, hei sempre de ouvir cantar uma Sabiá

O anúncio de um enredo de Clara Nunes levou muita alegria à comunidade portelense, que tem a cantora como figura querida para a escola. Clara, que já havia sido mencionada em enredos anteriores, pela primeira vez seria a estrela principal de um desfile. A carnavalesca responsável, Rosa Magalhães, decidiu seguir por caminhos inusitados: associou a figura da sambista ao modernismo de Tarsila do Amaral. O fio conector dessa associação, foi a brasilidade das artistas, que segundo Rosa, é o que caracterizava o trabalho das duas.

Em 1924, no primeiro carnaval da Portela, fundada em abril do ano anterior, o coreto de Madureira, criado pelo cenógrafo José Costa, reproduzia a imponente Torre Eiffel. Visitando o bairro na companhia de alguns amigos, Tarsila do Amaral não apenas eternizou aquela imagem numa tela, como também mostrou para seus pares modernistas que as festas populares do nosso subúrbio incorporavam os mais diversos elementos culturais. Sem dúvida, Madureira sempre teve um ar moderno, como a própria trajetória de Clara Nunes, que parece ter emergido de uma obra modernista, como se fosse uma tela da Tarsila: a Mineira representa a mais plural expressão da brasilidade. Morena. Mestiça (Pavão; Rodrigues, 2019).

Apesar da inovação, o enredo dividido não agradou muito a comunidade, que esperava no desfile daquele ano justamente aquilo que Rosa Magalhães quis se distanciar: uma obra que espelhasse a vida e a discografia da artista.

Além disso, os preparativos para o carnaval foram difíceis para a escola, que enfrentou problemas financeiros, visto que a prefeitura mais uma vez cortava as verbas para a festa e os patrocínios não chegaram a tempo. No dia do desfile, a emoção era palpável. A comissão de frente era formada por guerreiras de lansã, e representava a religiosidade de Clara, que era filha da Orixá. De um tripé, saiu a cantora Mariene de Castro — que já gravou um CD homenageando Clara Nunes, intitulado “Ser de Luz” (2013) — caracterizada de Clara Nunes. Outra cena marcante, foi a de Lucinha Nobre — porta-bandeira— e Marlon Lamar —

mestre-sala—, representando a história de amor entre Clara e a Águia, respectivamente.

O restante do desfile expôs o enredo de forma agradável e concisa, passando pela vida de Clara, sua relação com seus pais, com o tear, sua religiosidade de matriz africana, sua carreira musical e sua relação afetiva com a Portela. Apesar disso, a escola perdeu alguns pontos em evolução, alegorias e adereços, bateria e comissão de frente, conquistando assim, o quarto lugar na competição. O samba-enredo foi composto por Jorge do Batuke, Valtinho Botafogo, Rogério Lobo, Beto Aquino, Claudinho Oliveira, José Carlos, Zé Miranda, D'Dousa e Araguaci e interpretado por Gilsinho:

Axé... sou eu  
Mestiça, morena de Angola, sou eu  
No palco, no meio da rua, sou eu  
Mineira, faceira, sereia a cantar, deixa serenar  
Que o mar... de Oswaldo Cruz a Madureira  
Mareia... a brasilidade do "Meu lugar"  
Nos versos de um cantador  
O canto das raças a me chamar  
De pé descalço no templo do samba estou  
É rosa, é renda, pra Águia se enfeitar  
Folia, furdunço, ijexá  
Na festa de Ogum Beira-mar  
É ponto firmado pros meus orixás

Eparrei Oyá, Eparrei...  
Sopra o vento, me faz sonhar  
Deixa o povo se emocionar  
Sua filha voltou, minha mãe

Pra ver a Portela tão querida  
E ficar feliz da vida  
Quando a Velha Guarda passar  
A negritude aguerrida em procissão  
Mais uma vez deixei levar meu coração  
A Paulo, meu professor  
Natal, nosso guardião  
Candeia que ilumina o meu caminhar  
Voltei à Avenida saudosista,  
Pro Azul e Branco modernista... eternizar  
Voltei, fiz um pedido à Padroeira  
Nas Cinzas desta Quarta-feira... comemorar

Nossas estrelas no céu estão em festa

Lá vem Portela com as bênçãos de Oxalá

No canto de um Sabiá

Sambando até de manhã

Sou Clara Guerreira, a filha de Ogum com lansã (Batuke, *et al.*,2019).

Ficha técnica:

Data: 04 de março de 2019;

Local: Marquês de Sapucaí;

Carnavalesco e autor do enredo: Rosa Magalhães;

Presidente: Luiz Carlos Magalhães;

Direção de carnaval: Fábio Pavão, Claudinho Portela, Junior Schaal e Marco Aurélio Fernandes;

Direção de harmonia: Chopp, Leo Brandão, Nilce Fran, Márcio Emerson, Jorge, Servolo e Walter;

Direção de bateria: Nilo Sérgio;

Rainha de bateria: Bianca Monteiro;

1º casal de mestre-sala e porta-bandeira: Lucinha Nobre e Marlon Lamar;

Resultado: 4ª Colocada.



Figura 117 (à esquerda): Detalhe de ala, 2019

Foto: Gabriel Nascimento | Riotur

Figura 118 (à direita): Mestre-Sala e Porta-Bandeira, 2019

Foto: Gabriel Nascimento | Riotur



Figura 119 (à esquerda): Comissão de Frente, 2019

Foto: Gabriel Nascimento | Riotur

Figura 120 (à direita): Comissão de Frente, 2019

Foto: Gabriel Nascimento | Riotur



Figura 121 (à esquerda): Ala de ritmistas, 2019

Foto: Gabriel Nascimento | Riotur

Figura 122 (à direita): Mestre-Sala e Porta-Bandeira e Guardiões, 2019

Foto: Fernando Grilli | Riotur



Figura 123 (à esquerda): Ala das Baianas, 2019

Foto: Fernando Grilli | Riotur

Figura 124 (à direita): Extensão do desfile, 2019

Foto: Fernando Grilli | Riotur



Figura 125 (à esquerda): Homenagem à Clara Nunes, 2019

Foto: Dhavid Normando | Riotur

Figura 126 (à direita): Tripé e componentes, 2019

Foto: Dhavid Normando | Riotur



Figura 127: Tripé da comissão de frente, 2019  
Foto: Gabriel Nascimento | Riotur

### 3.2.8 O azul que vem lá do infinito

O ano de 2023 foi muito importante para a Portela, que completou 100 anos. Para a comemoração do centenário, os carnavalescos Márcia e Renato Lage, propuseram o enredo “Azul que vem lá do infinito”, que apresentou a trajetória da escola sob o olhar de cinco personalidades, que representam diferentes períodos da escola: Paulo da Portela 1929-1935, Tia Dodô 1936-1956, Seu Natal 1957-1975, David Corrêa 1976-1999 e Monarco a partir de 2000. Em depoimento para a Rede Globo, ela explica o enredo:

A Portela vem comemorando seus 100 anos [...], e esse desfile foi compilado em cinco segmentos, pelo olhar de cinco pessoas expoentes nessa trajetória. O primeiro setor é sobre o olhar do Paulo da Portela, o segundo de Dodô, que foi a primeira porta-bandeira, terceiro período através de Natal, o quarto Davi Correia e o quinto, o Monarco. Cada setor desses segmentos, vem trazendo um carnaval importante, um samba importante, durante essa trajetória dos 100 anos de colaboração *pro mundo do samba*. (Lage, 2023).

No dia do desfile, a ansiedade para ver a escola era geral, afinal, a grande Portela completou 100 anos de histórias e glórias. A apresentação começou muito bem, drones no céu abriram o desfile, e se movimentavam, formando palavras

relacionadas à escola, como: 100 anos, Portela, Dodô, Paulo, Candeia e Clara. O esquentado foi muito emocionante, o samba exaltação foi cantado por Gilsinho e a emoção estava alta no sambódromo. A comissão de frente representava a fundação da escola, com uma reunião entre Paulo, Caetano e Rufino na casa de Dona Esther. O casal de mestre-sala e porta-bandeira, Lucinha Nobre e Marlon Lamar representam todos os casais de mestres-salas e porta-bandeiras que já passaram pela escola, que eram pessoas humildes, mas que carregavam a nobreza de representar o pavilhão.

Durante a passagem da Portela pela Marquês, pessoas que fizeram parte da história desfilaram, como as ex-rainhas de bateria: Sheron Menezes e Adriane Galisteu, o ex-casal de mestre-sala e porta-bandeira: Vilma Nascimento e Gerônimo e simpatizantes da escola. Outras figuras, foram homenageadas *in memoriam* como: Paulo da Portela, Monarco, Clara Nunes, Dodô Caetano, Rufino Candeia, e Davi Correa. Além disso, enredos e momentos da escola também foram lembrados durante a apresentação.

Apesar da garra e do forte apelo emotivo, o desfile enfrentou muitos erros técnicos de harmonia e evolução. Dos mais graves, se destacam duas alegorias que causaram buracos na avenida, atrapalhando o andamento da escola, a peruca de Lucinha que caiu durante o desfile e em outro momento, o escorregão, que a porta-bandeira sofreu, acarretando mais perdas de pontuação.

Mas não foram somente os erros que afastaram a escola do campeonato de 2023. A execução das fantasias e alegorias foi fraca e deixou muito a desejar. Os carros apresentaram falhas de acabamento e estavam muito aquém daquilo que o centenário da Portela merecia, decepcionando grande parte da comunidade e dos espectadores, que elevaram suas expectativas no pré-carnaval e no início do desfile, que foram muito bons. Tudo isso, acarretou o pior resultado da Portela desde o carnaval de 2005. Mas, apesar dos pesares, a escola conseguiu levantar o público com a bateria nota 10 do Mestre Nilo e o samba-enredo, que foi composto por

Vinicius Ferreira, Rafael Gigante, Edmar Jr, Bira, Marcelão e André do Posto 7 e interpretado por Gilsinho:

Prazer novamente encontrar vocês  
Ali pelas bandas de Oswaldo Cruz  
Nosso mundo azul ganha vez  
E aquela missão nos conduz  
Eu, Rufino e Caetano  
No linho, no pano, pescoço ocupado...  
Vencemos mesmo marginalizados  
No bailar, uma porta bandeira  
A nobreza desfila humildade...  
Natal nos guiou, deu águia!  
A majestade...

"Abre a roda", "malandro, que o samba chegou"  
Andei na "Lapa", também já "subi o Pelô"  
"Macunaíma" falou: nas "maravilhas do mar"  
'A brisa me levou"  
Eis um "Brasil de glórias" que incandeia  
A " vaidade" é um "conto de areia"  
Eu vim me apresentar:  
"Deixa a Portela passar!"

"Lendas e mistérios" de um amor  
Casa onde mora a profecia  
Clara como a luz de um esplendor  
Cem anos da mais bela poesia  
Vivam esse sonho genuíno  
De fazer valer nosso legado  
Vejo um futuro mais lindo  
Nas mãos de quem sabe o valor do passado  
Ser Portela é tanto mais  
Que nem cabe explicação  
Basta ouvir os Baluartes  
Pra chorar de emoção

Cavaco e viola... A velha linhagem  
A benção Monarco pra essa homenagem  
O céu de Madureira é mais bonito  
Te amo, Portela, além do infinito! (Ferreira, et al., 2023).

Ficha técnica:

Data: 20 de fevereiro de 2023;

Local: Marquês de Sapucaí;

Carnavalesco e autor do enredo: Renato Lage e Márcia Lage;

Presidente: Fábio Pavão;

Direção de carnaval: Júnior Escafura, Claudinho Portela e Higor Machado;

Direção de harmonia: Márcio Emerson, Jorge Barbosa, Sérvolo Alves e Walter Moura;

Direção de bateria: Nilo Sérgio;

Rainha de bateria: Bianca Monteiro;

1º casal de mestre-sala e porta-bandeira: Lucinha Nobre e Marlon Lamar;

Resultado: 10ª Colocada.



Figura 128: Comissão de frente, 2023  
Foto: Alex Ferro | Riotur



Figura 129 (à esquerda): Velha guarda da Portela, 2023  
Foto: Tata Barreto | Riotur  
Figura 130 (à direita): Mestre-Sala e Porta-Bandeira, 2023  
Foto: Alex Ferro | Riotur



Figura 131 (à esquerda): Velha guarda da Portela, 2023  
Foto: Alex Ferro | Riotur  
Figura 132 (à direita): Ala da escola, 2023  
Foto: Alex Ferro | Riotur



Figura 133 (à esquerda): Ala coreografada, 2023  
Foto: Tata Barreto | Riotur  
Figura 134 (à direita): Abertura de alas e alas, 2023  
Foto: Ismar Ingber | Riotur



Figura 135 (à esquerda): Ala de Baianas, 2023  
Foto: Ismar Ingber | Riotur  
Figura 136 (à direita): Extensão do desfile, 2023  
Foto: Ismar Ingber | Riotur



Figura 137 (à esquerda): Ala de ritmistas, 2023  
Foto: Ismar Ingber | Riotur  
Figura 138 (à direita): Carro alegórico, 2023  
Foto: Ismar Ingber | Riotur

## **4. Desenvolvimento do projeto gráfico**

Lupton e Bandarra (2012), destrincham métodos de pensar design, dirigindo o leitor a refletir outras visualizações e resoluções de um problema. Por meio da divisão do processo criativo em etapas práticas, as autoras tornam o desenvolvimento de um projeto menos estressante e mais assertivo, permitindo ao designer abordar os desafios de forma dinâmica, alcançando assim, o escopo desejado para determinado projeto. O resultado dessa abordagem não apenas melhora a qualidade dos resultados, como também enriquece a experiência do processo de criação

Ao realizar a leitura do material, decidi incorporá-lo no desdobramento do projeto gráfico, a fim de atingir um bom desfecho.

### **4.1 Brandbook**

Em uma parte do capítulo “Como definir problemas”, as autoras apresentam os *Brandbooks*, uma proposta de visualização gráfica de determinada marca, corporação ou produto, que exprime o desejo de apresentar a história e/ou personalidade dessas através de expressões artísticas.

A intenção desse livro é fidelizar e gerar empatia do receptor com a narrativa apresentada, geralmente direcionada a um público-alvo específico, formado por conhecedores e consumidores do projeto apresentado. O conteúdo reúne inspirações, imagens, cores e texturas que apresentam o produto de forma pessoal e humanizada, seguindo as diretrizes de comunicação da marca.

Ao consumir esse conteúdo, cheguei à conclusão de que o livro de memórias da Portela se encaixa bem nessa representação, já que o escopo do projeto é manifestar a afetividade do torcedor com o G.R.E.S. através do resgate de fotos, músicas, relatos, textura e cores, para um público consumidor do produto escolas de samba, com a finalidade de humanizar a marca e empatizar os leitores.



2. Ramifique: Crie uma rede de associações em torno da expressão central [...];
3. Organize: As ramificações do seu mapa podem representar categorias como sinônimos, [...], clichês [...];
4. Use subdivisões: Cada ramificação pode alimentar subcategorias menores. [...].

Apoiada nas instruções, defini o elemento-chave principal, que foi “Portela”, e a partir dele todos os outros conceitos foram desenvolvidos.



Figura 140: Mapa mental sobre a Portela, 2023  
Foto: Autoria Própria

Depois, partindo para o passo 2 e 3, organizei as ramificações em 2 grupos: sambas e símbolos, o primeiro representando a musicalidade da Escola de samba e o segundo sua história e signos. Para fazer jus ao tema principal, escolhi seguir pelo caminho de sambas enredo, e a partir disso, os outros passos foram se desenrolando intuitivamente.

Já que esse trabalho foi construído com base na afetividade do portelense com a escola, o nome foi definido como: “Lindo como um mar azul, meu grande amor, minha Portela”, em referência ao samba de 2011, que está tatuado em mim, como homenagem à escola e minha história familiar com ela.

#### **4.2.2 Conteúdo**

O conteúdo do livro contempla uma parte do material reunido nessa monografia. São eles: Uma breve história das escolas de samba, a história da Portela e um resumo dos enredos.

A escolha desses enredos abordados partiu de uma pesquisa realizada por mim, no qual 40 torcedores responderam as seguintes perguntas:

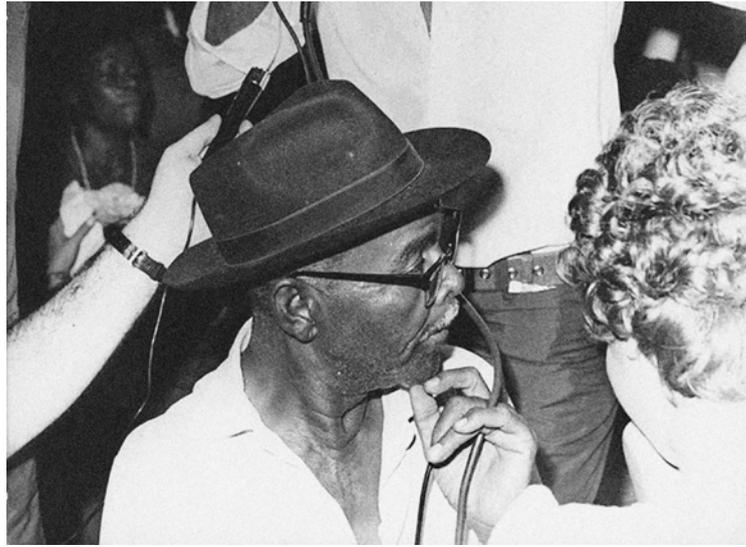
- 1-Na sua opinião, qual o enredo mais memorável/inesquecível da Portela?
2. Na sua opinião, qual foi o enredo mais importante da história da escola?
3. Qual seu enredo preferido da Portela?

A partir do resultado, pude escolher 8 temas e discorrer um pouco sobre eles ao longo do livro. Além disso, fiz mais 2 perguntas pessoais, as quais utilizei as respostas em um capítulo dedicado ao amor Portelense:

4. Para você, ser portelense é...?
5. Qual a sua memória mais marcante e especial que envolva a escola?

#### **4.2.3 Fotografias**

Como o livro possui um caráter documental, as fotografias utilizadas são variadas e possuem fontes diferentes. Por se tratar de uma história muito extensa, abordo em alguns momentos a dificuldade de acesso em acervos e a valorização da documentação histórica. Por isso, a estética das imagens varia, assim como suas resoluções e o tratamento utilizado. O projeto toma para si um viés experimental, como um punhado de memórias que são descobertas, um livro para o portelense se redescobrir. Para compor o livro, emprego as mesmas imagens que já havia curado para essa monografia.



*Figura 141: Imagem de Seu Natal utilizada no livro  
Foto: Acervo Portelense*



*Figura 142: Imagem de Paula da Portela utilizada no livro  
Foto: Acervo Portelense*



Figura 143: Imagem do desfile Lendas e Mistérios da Amazônia utilizada no livro  
Foto: Geraldo Violo | Wikimedia Commons



Figura 144: Imagem do desfile de 2017 utilizada no livro  
Foto: Tata Barreto | Riotur

#### 4.2.4 Formato e Grid

O livro será de capa dura, com 164 páginas, costurado com cabeceado. Na capa, o revestimento será 4/0, de couchê fosco 150g/m<sup>2</sup> e laminação fosca. As guardas serão 4/4, de couchê fosco 150g/m<sup>2</sup> e o miolo 4/4 de couchê fosco 150g/m<sup>2</sup>. Fechado está com formato 20x23cm. As colunas são variáveis e foram montadas em cima de um grid de duas colunas. Sendo a menor com 7,5 cm, a mediana com 11,8 cm e a maior com 15,6 cm. Os dois primeiros tamanhos foram utilizados para o texto corrido e o último aparece em citações, títulos e notas de rodapé. Ao escolher essa

diagramação, minha intenção foi remeter aos blocos de carnaval e a montagem de alas em um desfile. Assim como essas estruturas, as colunas se movem e transitam pelas páginas, como se pulassem o carnaval junto ao leitor.

Sobre o alinhamento, todo texto corrido foi justificado e alinhado pela esquerda e pela direita. As citações no meio do texto são alinhadas pela esquerda e possuem um recuo de 3,7cm para a direita. As citações de página inteira, são também alinhadas pela esquerda, assim como as aberturas de capítulo, os títulos, as fichas técnicas e os sambas. No caso das legendas, elas dependem da imagem para definir seu alinhamento. Em fotos de página inteira, se alinham no lado oposto ao do objeto, já nas menores, podem aparecer acima ou abaixo da foto.

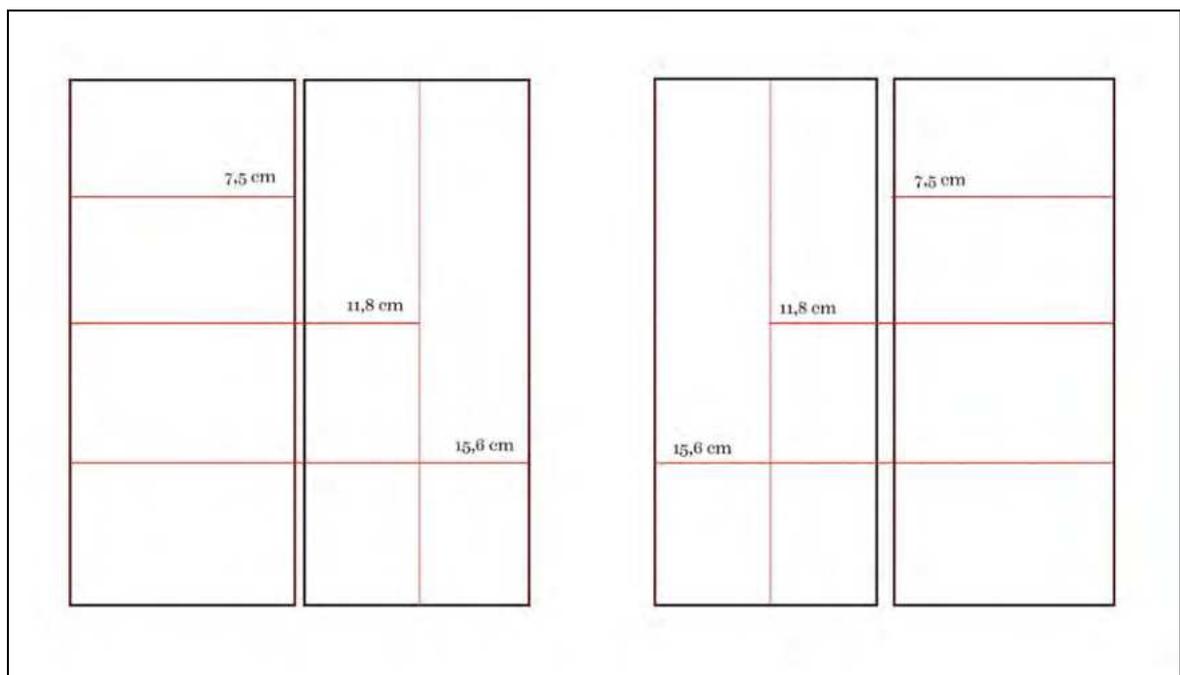


Figura 145: Grid  
Foto: Autoria Própria

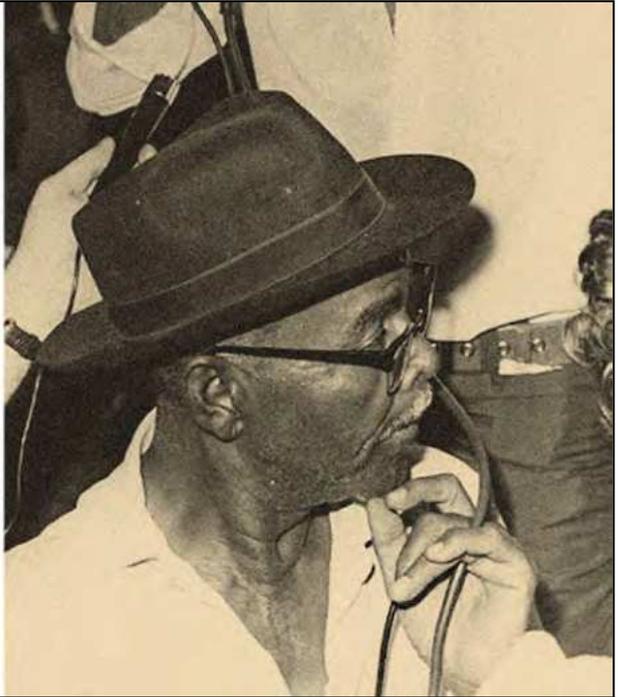
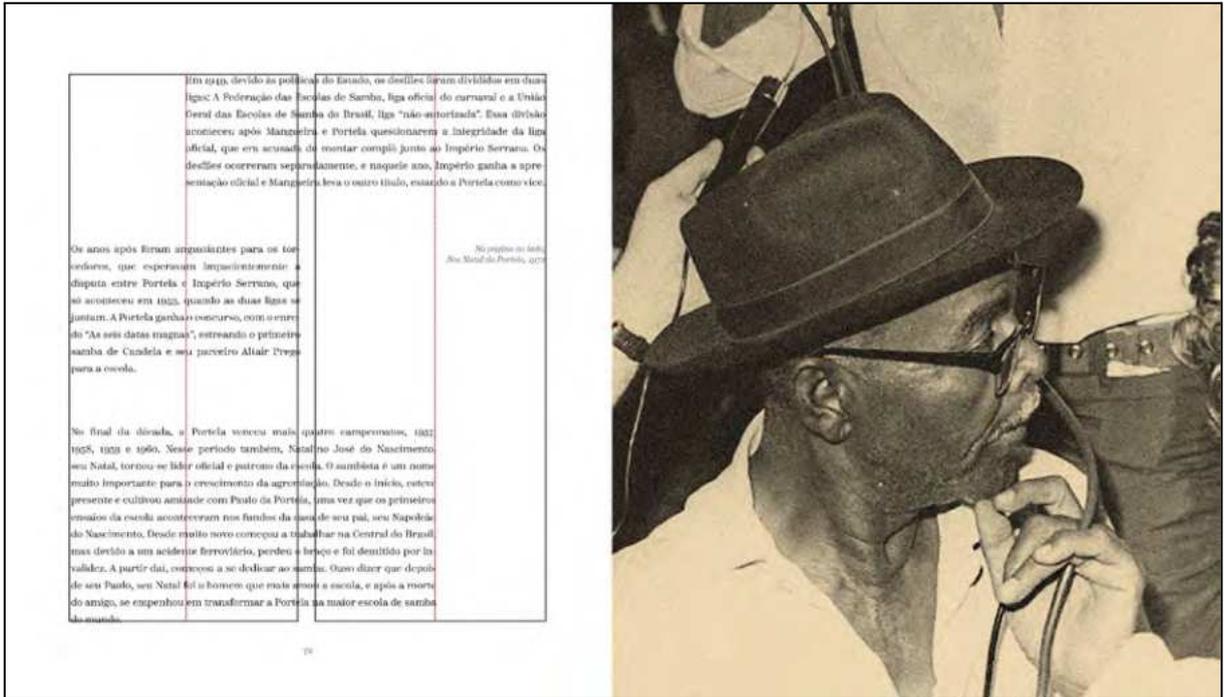


Figura 146: Página do livro  
Foto: Autoria Própria

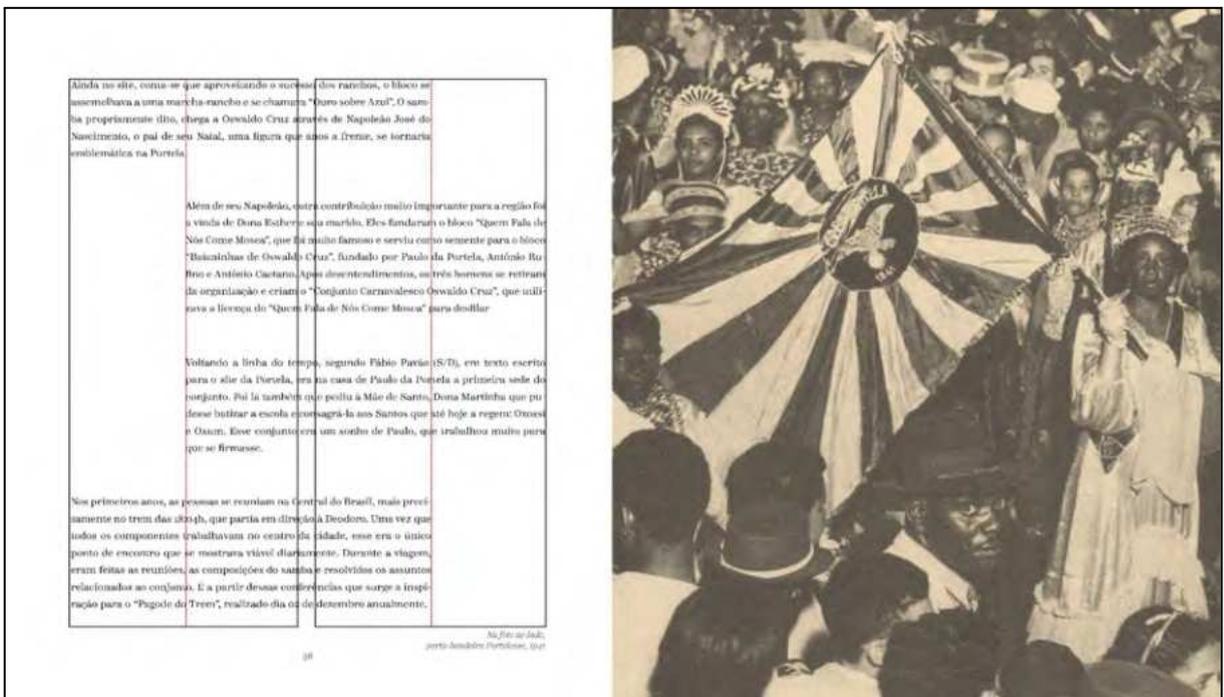


Figura 147: Página do livro  
Foto: Autoria Própria



Figura 148: Página do livro  
Foto: Autoria Própria

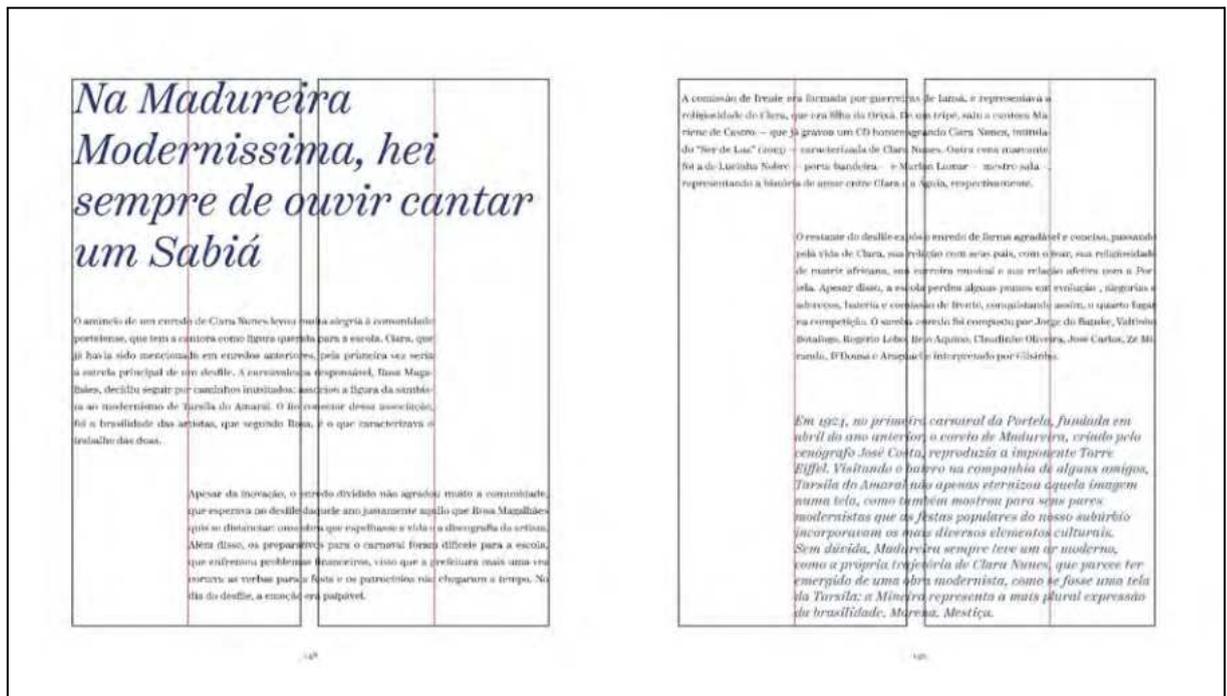


Figura 149: Página do livro  
Foto: Autoria Própria

#### 4.2.5 Paleta de Cores

A paleta de cores escolhida foi inspirada nas cores da escola: Azul e branco.

Para a Portela, essas cores sempre possuíram extrema relevância, sendo um dos símbolos mais fortes da escola. Para dinamizar e criar um clima carnavalesco ao longo do livro, além do azul Portela (C:94 M:67 Y:0 K:0 ou PANTONE Reflex Blue), utilizei também variações de azuis, que aparecem nas fantasias e ao longo dos desfiles, branco e preto para o texto corrido.



*Figura 150: Amostra do "Azul Portela" retirado da logo comemorativa de 100 anos da Portela  
Foto: Aatoria Própria*

Abaixo, exemplos em imagens com a variação dos azuis combinando com as fotos:



... e com suas mãos sempre abertas para a fraternidade com Natal, São Paulo e com os demais municípios Mineiros, e a festa é realizada a bordo. Para não esquecer, o desfile vai até o distrito de Leopoldina, onde a comunidade dos índios, participando com o seu ritmo e dança, para a festa de confraternização. É assim que o Carnaval de Leopoldina se realiza, com a participação de todos os moradores da cidade, e com a presença de todos os municípios mineiros. Também é possível encontrar o Carnaval de Leopoldina em outros municípios mineiros, como Leopoldina, Leopoldina, Leopoldina e Leopoldina, e com a presença de todos os municípios mineiros.

... e com a presença de todos os municípios mineiros.

... e com a presença de todos os municípios mineiros.

... e com a presença de todos os municípios mineiros.

Figura 151: Página do livro  
Foto: Autoria Própria



Figura 152: Página do livro  
Foto: Autoria Própria



Figura 153: Página do livro  
Foto: Autoria Própria



Figura 154: Página do livro  
Foto: Autoria Própria

## 4.2.6 Tipografia

A tipografia escolhida foi a Scotch Text, uma fonte serifada, com contraste médio, para demarcar o aspecto tradicional da Portela. Além disso, a fonte possui certo “gingado” que combina muito bem com o tema de Carnaval. Para o texto corrido, utilizei a variação Roman, tamanho 9 pt, e entrelinhas 16 pt. No estilo itálico foram: citações de página inteira, tamanho 18 pt e entrelinhas 28 pt, citações no meio do texto, tamanho 12 pt e entrelinhas 15 pt, títulos, tamanho 40 pt e entrelinhas 48 pt, aberturas de capítulos, tamanho 21 pt, entrelinhas 25 pt, e legendas, tamanho 8 pt e entrelinhas 10 pt e notas de rodapé, tamanho 7 pt e entrelinhas 10 pt.

Scotch text      a b c d e f g h i j k l m n o  
p q r s t u v w x y z

*Scotch text*      *a b c d e f g h i j k l m n o p*  
*q r s t u v w x y z*

Figura 155: Amostra da fonte utilizada  
Foto: Autoria Própria

Além disso, por possuir um caráter afetuoso, em algumas situações, resolvi utilizar minha própria tipografia, escrita à mão e escaneada para o projeto. Ao aderir à essa escolha estética, pretendo adicionar afetuosidade e sentimento de pertencimento à Minha Portela.

*Essa manografia,  
acima de tudo,  
é uma carta  
de amor.*

Figura 156: Amostra da tipografia pessoal  
Foto: Autoria Própria

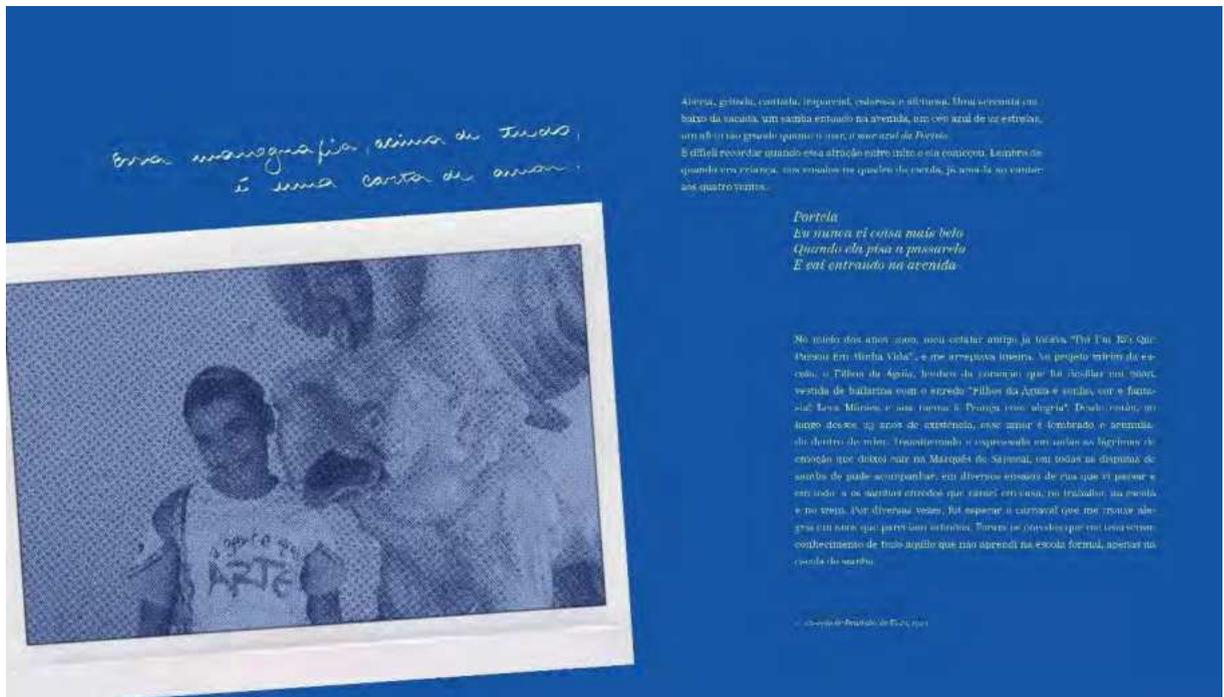


Figura 157: Página do livro  
Foto: Autoria Própria

## Conclusão

O processo de construção deste trabalho foi muito prazeroso. Poder estudar um assunto que me traz tanta satisfação, fez com que todo o caminho se tornasse uma descoberta diária. Através dessa monografia, pude ampliar meu repertório sobre a Portela, e me apaixonar mais por esse legado no mundo do samba. Pude também me aproximar da comunidade e entender melhor os sentimentos que rodeiam o “ser portelense”. Entendi que esse amor não pode ser medido, muito menos compreendido. É amor cego, meio teimoso. A Portela pode vir bem ou pode vir mal, para o portelense ela será sempre a Majestade.

Inicialmente, esse livro é uma experiência e uma realização pessoal, mas nada impede que se torne um projeto real em parceria com a Portela. Minha ideia é desenrolar outros enredos e entrevistar mais portelenses, afinal, são 100 anos de história. Eu ainda tenho muito a aprender, pesquisar e inserir nessa narrativa, esse projeto ainda tem muitos caminhos a serem percorridos, por isso, seria uma honra dar continuidade ao arquivo de memórias da Portela e publicar esse livro.

No fim, a Portela só cresceu dentro de mim. E espero que depois dessa monografia, possa crescer em outros lugares, outras pessoas e outros espaços. Afinal, ela é um rio que passou em minha vida e meu coração se deixou levar.

## **APÊNDICE**

APÊNDICE A – Resultados da pesquisa de campo

[Pesquisa de TCC - Portela](#)

APÊNDICE B – Livro completo

[Livro Minha Portela pdf](#)

APÊNDICE C

[Minha Portela | Exibição Mockup](#)

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Hiram **História da Portela**. No prelo, Rio de Janeiro: LIESA, 2007.

BRAGA, Suely. **Estado Novo**. FGV CPDOC. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/EstadoNovo>. Acesso em: 23 de nov. 2023.

CABRAL, Sérgio. **As Escolas de Samba do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

CARNAVALIZE, Redação. **Carnavalizadores de Primeira: os 115 anos de Natal, o anti-herói portelense**. Disponível em: <https://carnavalize.com/carnavalizadores-de-primeira-os-115-anos-de-natal-o-anti-heroi-portelense/>. Acesso em 23 de nov. de 2023

DA VIOLA, Paulinho. **Foi Um Rio que Passou em Minha Vida**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/paulinho-da-viola/48054/>. Acesso em: 16 Jul. 2023.

DOS SANTOS, M. S. **O PESADELO DA AMNÉSIA COLETIVA: UM ESTUDO SOBRE OS CONCEITOS DE MEMÓRIA, TRADIÇÃO E TRAÇOS DO PASSADO**. Cadernos de Sociomuseologia, v. 19, n. 19, 11.

FARIAS, Mauro Sérgio. **Breve História do Samba Carioca**. [s.l.]: Independently Published, 2023.

GALDO, Diego Barreto e Rafael. **Portela: uma religião trajada de azul e branco**. O Globo, Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/portela-uma-religiao-trajada-de-azul-branco-7510306>. Acesso em: 16 Jul. 2023.

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. [s.l.: s.n.], 1976.

JÓRIO, Amaury; DE ARAÚJO, Hiram. **Escolas de samba em desfile: vida, paixão e sorte**. [s.l.]: Poligráf. Ed., 1969.

LUPTON, Ellen; BANDARRA, Mariana. **Intuição, Ação, Criação**. 1o edição. [s.l.]: Editora Gustavo Gili, 2012.

MADUREIRA, Carlinhos; PORTELA, Café da; SILVA, Iran. Samba Enredo 1991 - **Tributo à Vaidade - G.R.E.S. Portela (RJ)** - LETRAS.MUS.BR. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/portela-rj/481260/>. Acesso em: 19 Jun. 2023.

MARTINS JUNIOR, Marco Antonio. **Foi Um Rio Que Passou Em Minha Vida**: Portela Representações E Sustentabilidades Em Madureira. Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17771/pucRio.acad.21043>. Acesso em: 21 Jul. 2023.

MONTEIRO, Wanderley, et al. **Samba-Enredo 2022 - IGI OSÈ BAOBÁ**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/portela-rj/igi-ose-baoba/>. Acesso em: 16 Jul. 2023.

MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antônio. **Samba de enredo**: história e arte. 2o. [s.l.]: Civilização Brasileira, 2023.

NUNES, Clara. **Portela na Avenida**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/clara-nunes/82991/>. Acesso em: 16 Jul. 2023.

PAULO da Portela: O teu nome não caiu no esquecimento. Produção e Direção: Dermeval Netto, 2001. 1 vídeo (55 min). Publicado pelo canal Cultne. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KDRxlxD45Ms>. Acesso em: 01 Dez 2023

PIRACEMA. Instituto Estadual da Florestas - MG. Disponível em: <http://www.ief.mg.gov.br/pesca/piracema>. Acesso em: 18 de nov. 2023.

PIRES, Raísa. **Crivella**: 'Carnaval é um bebê parrudo que precisa ser desmamado e andar com as próprias pernas.' G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2019/noticia/2019/02/15/crivella-carnaval-e-um-bebe-parrudo-que-precisa-ser-desmamado-e-andar-com-as-proprias-pernas.ghtml>. Acesso: 12 de nov. 2023.

PORTELA, **Compositores** da. Acervo Portelense. Disponível em: <https://acervoportelense.blogspot.com/>. Acesso em: 16 Jul. 2023.

PORTELA, G.R.E.S.. **Portela Cultural**. Portela Cultural. Disponível em: <https://www.portelacultural.com.br/>. Acesso em: 16 Jul. 2023.

PORTELA, G.R.E.S.. **Portela Web**. Portela Web. Disponível em: <https://portelaweb.org/>. Acesso em: 16 Jul. 2023.

RIBEIRO, Ana Paula Pereira da Gama Alves. **Samba são pés que passam fecundando o chão... Madureira**: sociabilidade e conflito em um subúrbio musical. Dissertação de Mestrado, UERJ, 2003. Disponível em:

[https://www.academia.edu/8715126/\\_Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_2003\\_Samba\\_s%C3%A3o\\_p%C3%A9s\\_que\\_passam\\_fecundando\\_o\\_ch%C3%A3o\\_Madureira\\_so\\_ciability\\_e\\_conflito\\_em\\_um\\_sub%C3%BArbio\\_musical](https://www.academia.edu/8715126/_Disserta%C3%A7%C3%A3o_2003_Samba_s%C3%A3o_p%C3%A9s_que_passam_fecundando_o_ch%C3%A3o_Madureira_so_ciability_e_conflito_em_um_sub%C3%BArbio_musical). Acesso em: 21 Jul. 2023.

SAGATIBA, Fernanda. **Paulo da Portela: Professor do Samba – PARTE 3. Raiz do Samba**. Disponível em:

<https://raizdosambaemfoco.wordpress.com/2013/02/05/paulo-da-portela-professor-do-samba-parte-3/>. Acesso em: 19 Jul. 2023.

SEM AUTOR. **90 anos de Joãozinho Trinta: evento celebra a importância do carnavalesco**. Carnavalize. Disponível em:

<https://carnavalize.com/2020/07/carnavalizadores-de-primeira-os-115.html>. Acesso: 27 de nov. 2023.

SEM AUTOR. Abre-Alas, **caderno do júri**. Rio de Janeiro, 2023.

SEM AUTOR. Lendas e Mistérios da Amazônia - 2004. Disponível em:

<https://galeriadosamba.com.br/espaco-aberto/topico/lendas-e-misterios-da-amazonia-2004/284981/>. Acesso em: 19 Jul. 2023.

SEM AUTOR. **Especiais. 6ª parte: o cidadão Paulo**. Portela Web. Disponível em:

[https://www.portelaweb.com.br/flexivel2\\_codigo\\_7.html](https://www.portelaweb.com.br/flexivel2_codigo_7.html) . Acesso: 27 de nov. 2023.

SEM AUTOR. **Paulo da Portela: o Cidadão do Samba e o PCB**. Partido Comunista Brasileiro. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/29955>. Acesso: 25 de nov. de 2023.

SILVA, Marília e SANTOS, Lígia. **Paulo da Portela: traço de união entre duas culturas**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.

SIMAS, Luiz Antonio; FABATO, Fábio. **Pra tudo começar na quinta-feira: O enredo dos enredos**. [s.l.]: MV Serviços e Editora LTDA - Mórula Editorial, 2015.

SRZD, Redação. **Emoção, euforia e tristeza: Desfile da Portela testa corações na Sapucaí** SRzd, 2023. Disponível em:

<https://www.srzd.com/carnaval/rio-de-janeiro/emocao-euforia-e-tristeza-desfile-da-portela-testa-coracoes-na-marques-de-sapucaia/>. Acesso em: 19 Jul. 2023.

SRZD, Redação. **Mangueira define enredo para o Carnaval 2018: 'Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco.'** SRzd, 2017. Disponível em:

<https://www.srzd.com/carnaval/rio-de-janeiro/mangueira-define-enredo-para-o-carnaval-2018-com-dinheiro-ou-sem-dinheiro-eu-brinco/>. Acesso em: 19 Jul. 2023.

UCHÔA, Alícia; LETA, Thamine. **Incêndio destruiu 8.400 fantasias, dizem escolas do Rio**. Rio de Janeiro. Disponível em:  
<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/02/incendio-destruiu-8400-fantasia-s-dizem-escolas-do-rio.html>. Acesso: 23 de out. 2023.

WIKIMEDIA, **Contribuidores dos projetos da. Filhos da Águia**. In: Fundação Wikimedia, Inc. [s.l.: s.n.], 2008. Disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Filhos\\_da\\_%C3%81guia?wprov=srpw1\\_0](https://pt.wikipedia.org/wiki/Filhos_da_%C3%81guia?wprov=srpw1_0). Acesso em: 16 Jul. 2023.